



101

Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes

(Origem; historico; fins; séde)

(DA DIRECÇÃO)

Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes

O Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes completou vinte annos de existencia a 16 de junho do corrente anno de 1927.

A sua origem foi a seguinte:

Em 1901, o *Diario de Minas*, de Bello Horizonte, proclamava a necessidade da fundação de um Instituto Historico, neste Estado. Contemporaneamente, com insistencia digna de applausos, o distincto mineiro dr. Nelson de Senna, fazia um appello, nesse sentido, a diversos homens de lettras, capazes de realizarem tal *desideratum*.

Finalmente, o Club «Floriano Peixoto», desta capital, por iniciativa e proposta de seu benemerito socio, coronel Julio Cesar Pinto Coelho, nomeou uma comissão composta dos seguintes socios do mesmo club: dr. Antonio Augusto de Lima, dr. Prado Lopes, dr. João Luiz Alves, dr. Francisco Alves Junior, coronel Francisco Bressane, dr. Olyntho Meirelles, dr. Estevam Pinto, major João Libano Soares, coronel Julio Pinto Coelho e dr. Pedro Sigaud, para promoverem uma reunião publica, na qual fosse ventilado o magno assumpto da fundação do Instituto.

Essa reunião, realizada a 16 de junho de 1907, na sala das sessões da Camara dos Deputados ao Congresso Mineiro, nesta capital, foi o ponto de partida do actual Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes.

Conforme a acta, então lavrada e publicada no *Minas Geraes*, a 18 desse mesmo mez e anno e na *Revista do Archivo, Publico Mineiro* (anno XIV, de 1909), estiveram presentes a essa reunião as seguintes pessoas.

Dr. João Pinheiro da Silva, João Eloy da Costa Camello, dr. Benjamin Jacob, desembargador José Joaquim Fernandes Torres, dr. Gaspar Ferreira Lopes, desembargador Francisco Julio da Veiga, dr. José Alves Ferreira e Mello, dr. Arthur Ribeiro de Oliveira, desembargador João Bráulio Moinhos de Vilhena, desembargador Amador Alvares da Silva, coronel Simeão Styllita Cardoso, dr. Pedro Lessa, desembargador Edmundo Pereira Lins, dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, coronel Fran-

cisco Ferreira Alves, dr. Henrique Salles, desembargador Antonio Luiz Ferreira Tinoco, dr. Carlos da Silva Fortes, Aurelio Pires, Gustavo Penna, desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni, dr. Heitor de Souza, dr. Antonio da Silveira Brum, dr. Cornelio Vaz de Mello, dr. João Evangelista Barroso, coronel João de Almeida Lisboa, dr. Gabriel de Oliveira Santos, dr. Joaquim Francisco de Paula, dr. Aristoteles Dutra de Carvalho, dr. Gabriel Valladão, dr. Camillo de Britto, dr. Francisco de Paula Rocha Lagoa, desembargador João Emilio de Rezende Costa, coronel Manoel Fulgencio Alves Pereira, dr. Juscelino Barbosa, dr. José Tavares de Mello, dr. João Pinheiro de Miranda França, dr. Waldomiro de Barros Magalhães, desembargador José Antonio Saraiva, dr. Julio Horta Barbosa, dr. Antonio Benedicto Valladares Ribeiro, desembargador Eugenio de Paula Ferreira, desembargador Francisco José Alves de Albuquerque, dr. Modesto de Faria Bello, dr. Virgilio Martins de Mello Franco, major Antonio Francisco Vieira Christo, dr. Agostinho Pereira, dr. Arthur da Silva Bernardes, dr. José Gonçalves de Souza, dr. Tito Fulgencio Alves Pereira, Francisco de Paula Souza, dr. Josino de Paula Britto, Arthur Joviano, coronel Juvenal Coelho de Oliveira Penna, dr. Rodolpho Jacob, dr. Carlos Toledo, Joaquim Nabuco Linhares, coronel Antonio de Carvalho Brandão, José Ribeiro Vianna, dr. Francisco de Assis Barcellos Corrêa, padre João Martinho de Almeida, Jefferson Darphe Mourão, Adolpho Pibeiro Vianna, dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia, dr. Josaphat Bello, dr. Antonio Augusto de Lima, dr. Bernardino de Lima e dr. Francisco Mendes Pimentel. Fizeram-se representar os Drs. Antonio Gonçalves Chaves, Manoel Thomaz de Carvalho Britto, Aureliano Magalhães e Olavo Andrade.

O sr. dr. Antonio Augusto de Lima, depois de pronunciar um nota vel discurso, que foi publicado, na integra, na acta acima referida, propoz, entre outras medidas, que fosse acclamado o dr. João Pinheiro da Silva, então Presidente do Estado, para presidir ás sessões preparatorias. Este ultimo, depois de salientar a importancia da fundação do Instituto nomeou, para constituirem a commissão encarregada de redigir os respectivos Estatutos, os srs: Drs. Virgilio Martins de Mello Franco, Rodolpho Jacob, Albino Alves Filho, Antonio Gomes Lima, Carlos Honorio Benedicto Ottoni, Francisco Julio da Veiga, Carlos Toledo, Aurelio Pires, Gustavo Penna, J. E. de Rezende Costa e Antonio Benedicto Valladares Ribeiro.

Em sessão de 12 de julho do mesmo anno, foi eleita a primeira directoria do Instituto, a qual ficou assim composta: presidente, dr. João Pinheiro da Silva; 1.º vice-presidente, desembargador João Bráulio Molahos de Vilhena; 2.º vice-presidente, dr. Virgilio Martins de Mello Franco; 3.º vice-presidente, dr. Carlos Honorio Benedicto Ottoni; thesoureiro, desembargador Francisco Julio da Veiga; 1.º secretario, dr. Francisco Mendes Pimentel; 2.º secretario, dr. Juscelino Barbosa; orador, dr. Diogo de Vasconcellos.

A sessão solemne da instalação do Instituto realizou-se no dia 15 de agosto de 1907, com brilhantes demonstrações de jubilo e de bons augúrios.

Ao declarar installado o Instituto, pronunciou o dr. João Pinheiro, seu primeiro presidente, o seguinte discurso:

«Meus senhores:

Ao Estado de Minas faltava, para systematisação completa da sua vida social, a instituição que ora inauguramos.

Coube-me, por parte dos dignos consocios, a honra insigne de os presidir, inferior, em todo caso, á magnifica generosidade que a inspirou e tão grande como a minha gratidão.

Em nome delles, devo agradecer aos hospedes illustres, que nos vieram honrar com sua presença, e trazer-nos o prestigio proprio e o das corporações que representam. Sobreleva, entre ellas, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, notavel pela vastidão do trabalho que já effectuou, cenaculo do pensamento brasileiro no que tem de mais erudito no saber, de mais illustre na longa tradição dos nomes venerados, realizando uma obra grandiosa de desinteressado amor da Patria.

A criação do Instituto Historico Mineiro foi uma bella inspiração de seus iniciadores, porque corresponde a uma necessidade que ha muito se fazia sentir—o estudo da historia de Minas Geraes, com o proposito dos associados de a ella se consagrarem.

Aos menos reflectidos poderá parecer, talvez, que taes estudos mais participam dos prazeres intellectuaes menos uteis, si é possível a gradação, do que das fecundas e positivas cogitações da actualidade, na solução premente de problemas mais necessarios, que resguardem o futuro, melhorando-o.

Si é certo que o trabalho intellectual que se exercita no passado, traz sempre, para o coração, o consolo dos exames serenos e o conforto dos julgamentos em que as paixões arrefecidas deixam dominar a beleza da justiça calma e definitiva (e nenhum prazer mais puro e tambem mais nobre lhe pôde ser equiparado), ha ahí ainda, além do puro prazer intellectual, forças positivas governando a actualidade, e elementos poderosos sustentando o presente e dirigindo o futuro, no ensinar ao homem que deve confiar sómente nesta justiça, que nunca falta, contra a onda das paixões ephemerias e dos interesses passageiros que desaparecem com o tempo que os creou, para deixar, eterno e duradouro, o que foi feito no serviço da Humanidade e da Patria, que nunca morrem.

E', pois, fonte de innegavel elevação para os actos da vida.

Na historia, por mais longinquo que seja o facto que ella registra, de que auctoridade crescente se reveste elle, a cada passo e a cada momento, para as almas de elite que respiraram a doce

atmosfera do passado? Como santifica, unge e eleva o sagrado amor da Patria e a propria materialidade das cousas a ellas ligadas? Quem ha por ahi que, ao visitar a antiga sede da capitania, a de nossas a mais legendaria cidade, que Villa Rica foi e Ouro Preto é, quem ha que não sinta a mysteriosa influencia, resumbrando de seus vestustos edificios a rememorar por exemplo, a epica tragedia que foi o primeiro sonho da Independencia?

Lá, as pontes de pedras, seculares, junto ao largo de Dirceu, lembram o passaro mensageiro das saudades desoladas de Gonzaga, que as devia transpor para levar a sua Marilia o coração sem esperança do poeta encarcerado, misturando com os amores da noiva os amores da Patria.

O passaro, de certo, não levou as lembranças, mas trouxe para a historia o murmuro longinquo dos versos immortaes e, com elles, o nome da formosa mineira com a rememoração dos sacrificios pela liberdade de nossa terra.

Na antiga rua de S. José, a lembrança revive o chão saigado pela tyrannia para que nem a herva brotasse, por ter sobre elle se erguido uma casa em que se agasalhára o coração de um homem livre: e o infamado daquelles dias é um immortal da historia americana.

Nesta mesma Ouro Preto, a Casa dos Contos acorda sempre, no coração, o terror do estrangulamento mysterioso de Claudio, revivendo eternamente a historia do despotismo que mata ou de que se escapa somente pela porta escura e melancolica do suicidio, attrahindo um olhar misericordioso para o velho poeta e velho jurisconsulto, revolucionario aos 72 annos de idade.

Si a historia santifica a propria materialidade dos logares que a ella se ligam, tamtem nos dá lições mais altas e de caracter bem mais generalizado.

E' ella que nos ensina a confiar no Direito, na Justiça, na Liberdade, no Bem e na victoria definitiva dos sagrados principios da consciencia humana, vencendo obstaculos, ensanguentados ás vezes, eclipsados por periodos, mais ou menos longos, na sequencia dos tempos, negados e tentados destruir neste ou naquella ponto da terra por usurpadores poderosos—e, entretanto, vencendo sempre nestas lutas milenarias da Humanidade em marcha.

As suas lições fortificam, pois, a consciencia do cidadão para os deveres do altruismo, sobrelevados sempre á grosseria dos interesses materiaes, egoistas e passageiros.

Nem se diga que ella assignala tambem lições de prolongado aviltamento dos povos e nelle o exemplo das deshonras do homem e, por isso, não pode ser «a mestra da vida».

O progresso humano, destas mesmas lições de servidão, ás vezes universal, tira forças de reacção tão grandes como foi o

proprio aviltamento, e muito mais duradouras do que elle: a palavra vingadoura de Tacito, fulminando, atravez das edades, a ignominia de Roma, com ser uma epopéa da Liberdade e do Direito, é disto um exemplo, fazendo pelo bem da humanidade muito mais do que, para a sua deshonra passageira, fizeram todos os Cesares dissolutos.

De par com os estudos propriamente da erudição, devem ser feitos e principalmente, os que vizem uma utilidade humana, procurando, pela imparcial observação do passado, induzir leis que regulem o presente para que o futuro seja melhor que ambos. E' o dever moral necessario e dignificador dos esforços bemfazejos.

Ao lado do trabalho penoso e multiplicado que os bandeirantes e garimpeiros deixaram pelo sólo inteiro de Minas e que testemunhamos nas montanhas, cujos seios rasgaram, na profundidade dos rios que revolveram, no deserto que novoaram, nas matas virgens que devassaram e nos templos magnificos que da terra elevaram para os céos, mostrando com a sua fé o seu poderio,—deixaram tambem, nos in-folios dos archivos, nas reclamações dirigidas ao governo d'El-Rei, nas respostas de ultramar, nos roteiros, nas informações dos governadores sobre os descobrimentos felizes, como sobre as fundas desillusões dos garimpos sem riquezas, nas narrações das proprias luctas ensanguentadas,—deixaram toda uma historia de audacias inauditas e invenciveis paciencias; na qual o amor da liberdade do sertanista, a sua resistencia physica aos trabalhos inclementes, a sua iniciativa individual intensa, a doçura dos costumes na aspereza da vida, são a riqueza moral incomparavel que nos cumpre apurar e guardar, como as origens da vida da estremecida terra mineira.

Para este nobilissimo fim é creado este Instituto.

A todos os homens de boa vontade se depara, neste pensamento, o ensejo de bem servir a uma causa commum, para que, herdeiros de tantas grandezas, nós, os representantes da geração actual, possamos accrescer-as para os nossos filhos.

E o futuro, que deve receber sempre boas lições do passado, não encontre falhas, meus senhores, as dos dias que estamos vivendo, na obra do engrandecimento de nossa terra.

Os fins do *Instituto Historico*, definidos nos arts. 1.º, 2.º e 3.º dos respectivos Estatutos, são os seguintes:

«Investigar, colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e á geographia de Minas Geraes, e á archeologia, ethnographia e lingua de seus indigenas;

Manter correspondencia com as sociedades e academias estrangeiras de igual natureza, bem como com as associações congêneres existentes na Capital Federal e nos diversos Estados da Republica, para mais facil desempenho dos fim a que se propõe;

Publicar, uma ou mais vezes por anno, uma *Revista*, na qual se conterão os seus trabalhos (actas das sessões, discursos do presidente e do orador, relatorio do 1.º secretario, lista dos socios, etc).

Até fins do anno de 1926, proximo findo, foram os destinos do *Instituto* dirigidos pelos seguintes presidentes :

1. Dr. João Pinheiro da Silva.
2. Desembargador João Bráulio Moinhos de Vilhena.
3. Dr. Virgílio Martins de Mello Franco.
4. Desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni.
5. Desembargador Antonio Arnaldo de Oliveira.
6. Dr. Rodolpho Jacob.

Em fevereiro do corrente anno de 1927, por iniciativa do actual sr. Presidente do Estado, dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, entrou essa associação scientifica em nova phase, como se vê das seguintes noticias, publicadas no órgão official dos poderes do Estado :

Sua memoravel sessão de hontem.—As homenagens prestadas ao sr. Presidente Antonio Carlos.—Os discursos do presidente e do orador da antiga directoria.—A oração do sr. Presidente do Estado.—A eleição e posse da nova directoria e das commissões do Instituto.—Outras notas

Depois de sua instalação, sob a presidencia de João Pinheiro da Silva o grande e inesquecível estadista mineiro, o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes realizou hontem a mais memoravel e promissora de suas sessões, inaugurando, sob os auspícios do sr. presidente Antonio Carlos, uma nova phase de trabalho patriótico pela reconstrucção de nosso passado, em busca da grandeza do presente e da preparação do futuro de nossa terra.

O vivo interesse e a sympathia despertados, entre quantos vivem da intelligencia em nosso meio, pela iniciativa dos que estão empenhados na obra do renascimento da instituição destinada a ser um dos órgãos notaveis de affirmacão da cultura mineira, fazem esperar que o Instituto realize, daqui por diante, os nobres e elevados fins de sua creação, concorrendo efficazmente para o progresso e para a civilização de nosso Estado.

A sessão de hontem realizou-se, no salão nobre do Conselho Deliberativo, ás 2½ e meia horas.

A essa hora, alli chegava o sr. presidente Antonio Carlos, acompanhado dos srs. dr. Mario de Lima e commandante Oscar Paschoal, secretario e ajudante de ordens da Presidencia do Estado, sendo recebido na escadaria de entrada do Conselho, pela antiga directoria do Instituto que o introduziu no salão, onde o acolheram calorosas palmas de todos os presentes.

Alli já se achavam os srs. dr. Francisco Campos, secretario do Interior; dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Gudestau Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital; dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official; dr. Hugo Werneck,

presidente do Conselho Deliberativo; d. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte; os socios, drs. José Magalhães Drummond, por si e pelo «Diario de Minas»; dr. Eduardo Borges da Costa, Copernico Pinto Coelho, Theophilo Ribeiro, Aurelio Pires, Caio Nelson de Senna, Mario Augusto Teixeira de Freitas, Eduardo Santos Maia, coronel Ferreira de Carvalho, Carlos Góes, Guilherme Halfeld, Gustavo Penna, professor Honorio Guimarães, Benjamin Lima, dr. Lourenço Baeta Neves, José Eduardo da Fonseca, Miguel Ramos de Lima, Ernesto Sperling, dr. José Alves Ferreira de Mello, Raphael Fleury da Rocha, Arduino Bolivar, Carlos Felicissimo, João Lucio Brandão, por si e pela Academia Mineira de Letras, Abilio Barreto, dr. Teixeira de Salles, dr. José Oswaldo de Araujo, coronel Socrates Alvim, Camillo Prates, além de muitas outras pessoas de nosso escol social; o padre Leão Medeiros Leite, por si e pelo «Horizonte»; tenente Edson Neves, por si e pelo commandante do 1.º Batalhão da Força Publica; Passi, consul da Italia; dr. Telles de Menezes, Francisco Marinho Junior, coronel A. F. Vieira Christo, Oscar Bhering, Arthur Rezende, José Eduardo do Amaral, tenentes Humberto Castello e Clarindo Valladares, representando o 12.º Batalhão de Infantaria; Hugo Guthier de Oliveira Gondin, Olavo Bilac Pinto, dr. Belisario Tavora Filho, Nicolau Nunes Horta, Sylvio Lana, João Meira Machado, dr. Leandro de Castilhos, dr. Pedro Aleixo, J. Guimarães Menegale, José de Alkmim, por si e por esta folha; Cleveland Maciel, Euzébio de Britto, 1.º tenente Antonio Coelho dos Reis, dr. Francisco de Assis Magalhães Gomes, dr. Waldemar Magalhães Lopes, dr. Aristides H. O. de Oliveira e Roberto A. Teixeira de Vasconcellos.

O sr. dr. Mendes Pimentel estava representado pelo sr. dr. Rodolpho Jacob.

Excusaram-se de comparecer, por carta, os srs. drs. Arthur da Silva Bernardes, Fernando Mello Vianna, Léon Renault e Joaquim Nabuco Linhares.

Assumindo a direcção dos trabalhos, como presidente de honra do Instituto, a convite do sr. dr. Rodolpho Jacob, depois de abrir esta sessão, o chefe do Estado convidou a tomar logar na mesa a seu lado s. exc. revdma. d. Antonio Cabral.

Saudando ao sr. presidente Antonio Carlos, o sr. dr. Rodolpho Jacob proferiu o discurso abaixo, que foi muito applaudido.

DISCURSO DO ANTIGO PRESIDENTE DO INSTITUTO

«Permitti, sr. Presidente do Estado, antes de, com mais abundancia e eloquencia, vol-o exprimir o illustre nosso orador official, que, em breves palavras, vos diga tambem, como me

cumpre, o nosso vivo jubilo ao ver-vos no seio do nosso gremio, o nosso grande reconhecimento pelo nobre e esclarecido desvelo com que haveis por bem de acompanhar e animar os nossos trabalhos.

Ao Instituto, após o carinhoso amparo do seu inolvidavel fundador, não faltou, de tempo em tempo, é justo dizel-o, sr. Presidente, a assistencia dos vossos illustres antecessores. Afortunadamente, em nossa terra, as cousas da intelligencia não encontram essa indifferença e desdem, dos homens publicos, *politicorum sapercilium*, que, não sem irreverente exaggero, increpou um philosopho mal humorado.

Mas, si devemos, assim, reconhecer esse anterior valimento do poder publico, contudo, sr. Presidente, temos particular motivo para, do vosso auspicioso governo, esperar um patrocínio mais largo, mais continuo, mais disciplinado. E' que, a seu tempo, com o senso do momento e do que póde dar de todas as forças peculiares do seu espirito, cada dirigente deve ter uma como missão propria, e é nossa fé, sr. Presidente, que a vosso tempo viestes fazer uma obra, não só de justiça, de paz, de liberdade, como de intelligencia e de cultura.

Haveis de vossa estirpe e da vossa formação os grandes estimulos do constructor social, que não faz trabalho solido sem essa argamassa, que é a educação do seu povo, a qual não é affeição sómente nas escolas, nos templos, nos lares, sinão tambem nesses institutos affins destinados ao cultivo das boas letras, das artes, das sciencias, das cousas da patria.

Tendes, em particular, um sentimento seguro dos beneficios que á communhão póde trazer o zelo deste nosso sodalicio. E' primeiro esse aguilhão que para a acção do presente nos vem dos grandes feitos e dos bons exemplos dos maiores. Esse incitamento se aviva quando, como para vós, ha um grande nome que honrar. Quizestes ser, sois em muito, sr. Presidente, o que foram os vossos antepassados. Em vossos actos reconhecemos o vasto pensamento de José Bonifacio, o entusiasmo liberal de Antonio Carlos, a austeridade, o senso medido e justo de Martim Francisco.

Mas, si o estímulo do passado tem, assim, essa maior virtude quando vem de directos ancestraes, a todos, entretanto, elle aferrôa, a todos confere brazões no que de bom e de grande fizeram os nossos communs avoengos.

Outro grande bem que sabeis nos dá o trato com o passado e deve ser particularmente grato ao amigo fiel, que sois, da justiça, é esse animo sereno e isento com que entramos a ver os homens e as cousas do nosso tempo. No contubernio com essas

sombras venerandas, que nos acolhem sem paixões, aprendemos a não nos perturbar ao choque das que agitam aos nossos coevos. Como nos affazemos a ter sómente por justo o julgamento dos homens quando os acompanhamos em toda a inteira sequencia dos seus actos e da sua vida,—o dos factos quando os observamos não isolados, mas também em suas causas e effeitos, vimos a ser assim mais prudentes e mais reservados quando consideramos uns e outros em um só momento dessa serie, em um só elo dessa cadeia.

Como o do preterito, o estudo da terra e do homem no presente, é, sentis também, uma escola de virtude e de devotamento, que nos ensina a tirar de uma e de outro todo o bem que podemos doar á communhão. O senso geographico integra o senso historico. Bem ama a terra, pensais como o poeta, quem bem a conhece.

Cumpro também um dever, sr. Presidente, em nome do Instituto, que é o mais velho dos nossos gremios intellectuaes, em, a este primeiro ensejo, vos agradecer o generoso arrimo que tendes por bem prestar por igual aos nossos illustres companheiros, e, o que mais releva, a um nosso esforço uno e solidario.

Aquí, outrossim, nesse Syllogêo, que projectaes, avulta accentuadamente o vosso pensamento constructor. Nesse trabalho de vizinhos, não nos querereis sómente, com o vosso favor efficiente um estímulo mais activo na applicação propria de cada um, mas, também, um zelo mais vivo no trato de tudo que é colectivo, de todas as cousas do bem publico.

É um pequeno corpo de Estado, um precioso meio de governo que vos prepara e aos vossos successores. Ponde, em verdade, em labor, em cada uma sua officina, esses já existentes e tantos outros aggregados intellectuaes quantos importe instituir ao pensamento attento aos interesses nossos diversos, materiaes e moraes, e tereis, sem duvida, em breve, esta grande cousa, que nos faliece, sem a qual nenhuma sociedade caminha de pé firme, e vem a ser o que chamamos uma opinião, um espirito publico.

É essa unidade moral que, sabeis, nos conduz a uma acção harmonica e disciplinada. Porque não a temos, é que o nosso trabalho é fraccionario, nervoso, feito de saltos. Por carencia de planos bem definidos e amadurecidos é que, sem um esforço seguido, as nossas administrações são menos efficientes e productivas. Ora, isso que entre nós não pôde fazer o nosso livro, que não é favorecido e bastante lido, a cathedra, porque tem uma acção restricta, a imprensa, que só interpreta e doutrina para o dia, os partidos, porque, sem contraste, não podem ter programmas,—isso, vêdes bem, não descabe esperar dessa universidade de corporações e actividades intellectuaes.

Desse viveiro fecundo sahirão, em grande numero, para arena mais vasta e mais gloriosa, os servidores idoneos da cousa publica, os que, preparados e munidos de ideaes, souberam aguardar o seu tempo, sem a aspereza das ambições prematuras ou a audacia dos vulgares luctadores pela vida.

Essa grande obra, que seria, ella só, um titulo de benemerencia para um governo, a levareis a effeito, estamos certos, sr. Presidente, assim como outras não menos ingentes, com o mesmo amplo descortino e o mesmo zelo extremoso pelo bem publico!

DISCURSO DO ORADOR OFFICIAL

Dada, em seguida, a palavra ao sr. dr. José Eduarç'o da Fonseca, leu o orador official do Instituto o seguinte discurso, mais de uma vez interrompido por entusiasticas palmas da assistencia.

Meus senhores.—Venho trazer ao sr. Presidente do Estado as homenagens do Instituto Historico, desobrigando-me assim de tarefa grata ao meu coração, gratissima á minha consciencia.

Bem sei que é cedo para fixar de modo definitivo a physionomia politica do egregio mineiro. Ainda se não fundiu o bronze que lhe vae receber a effigie. A jornada gloriosa de s. exc. está distante do termo, não podendo, não devendo ser esta a hora de cunhar medalhas que se eternizem. Nem seria eu o artifice idoneo. Mas, cumpre dizel-o, na legião indecisa de typos parecidos que formam o *clan* politico do Brasil, tendo todos ou quasi todos, administradores e legisladores, o mesmo *ar de familia*, s. exc. não se parece com nenhum outro.

Já se tentou explicar a singularidade, vendo-se na sua pessoa o representante e continuador de uma linhagem de estadistas e parlamentares, cujas mãos robustas ergueram os alicerces da nação. Compararam-no ao eupatrida atheniense ou ao patricio romano. Disseram-no depois um authentic fidalgo. Ora, o fidalgo, no sentido ordinario da palavra, é o *filho de alguém*, filho d'algo. Nada mais do que isso. E o merito supremo do sr. presidente Antonio Carlos consiste em ser individualmente *alguem*, com uma profunda e inconfundivel marca pessoal, que o separa de seus avós, de seus collateraes e de seus proprios companheiros de lida professional ou de acção partidaria, que estão respirando o ar da nossa época. Elle é elle, muito embora comprehenda e doutrine que a politica é a severa escola de renuncia, em que o individuo desaparece no partido para levar á victoria o ideal commum. Elle é sempre elle.

Começa a carreira como simples promotor de justiça, á semelhança de qualquer outro, que não tivesse nas veias o sangue dos Andradas. E á tribuna do jury, em Minas, nunca mais subiu quem se lhe avantajasse.

Passa depois a advogar, examinando com paciência e amor as hypotheses vivas do drama judicial. Em vez de apagar-se ao *usus fori* e ao texto dos praxistas reinícolas, desprende o seu espirito de tudo isso e nutre-o de idéas modernas, das idéas que estavam no ambiente mental do tempo.

Era, porém, um predestinado. A politica, por mysteriosa influencia hereditaria no desabrochar das vocações, havia de atrahil-o. Dahi a actividade jornalística. Monta imprensa em Juiz de Fôra — e o jornalismo provinciano reabilita-se com a sua erudição discreta e a sua dialectica segura. Inimigo da emphase, do entono e do logar commum, torna-se, desde logo, escriptor perfeito, admirando-se-lhe no estylo profundamente característico tudo quanto se admira nos mestres — bom senso, medida e clareza, symetria, rythmo e equilibrio. Os editoriaes do seu, do nosso *Jornal do Commercio* podiam trazer a assignatura de Ferreira de Araujo, ou Alcindo Guanabara.

E' dessa forja do pensamento democratico que sae, em setembro de 1902, para superintender a pasta das Finanças. Conheci-o entto, em dia longinquo da minha adolescencia, quando principiava a ser hospede da tribuna escolar, para a qual me volto sempre, commovido e saudoso, — visto como foi, do alto della, que vi desfilar aos meus olhos deslumbrados pelo espectáculo da vida que amanhecia os vultos representativos da mentalidade mineira, reunidos nesta metropole sertaneja que acabava de nascer. Vejo-os ainda. E' Gastão da Cunha, ultima vibração da tribuna hellenica, ouvida ao sol dos tropicos, por um anachronismo, que foi milagre historico ou favor da Providencia. E' David Campista, magnifico exemplar da civilização brasileira, não só pela abundancia da cultura intellectual, como pelo requinte da cultura social. E' Affonso Penna, o pae, mineiro da velha rocha, em cujo peito bateu o coração do Brasil, naquella hora attribulada em que a demagogia e o caudilhismo ameaçavam a nossa existencia republicana e o sangue de irmãos violentamente espadanava no litoral e na fronteira, inspirando e dictando o manifesto politico que a historia recolheu como documento do mais vigoroso e intrepido civismo e, sobretudo, como irrecorível sentença condemnatoria das tentativas restauradoras.

Vejo-os ainda... E' Gonçalves Chaves, grande patriota e grande jurisconsulto, de quem se poderia dizer, como do consul romano se disse, que nada temia sinão a deshonra. E' Estevam Lobo, o solitario do gabinete, que deu á cathedra e á tribuna parlamentar alguns dos maiores e dos melhores dias que ellas tiveram nos tres primeiros lustros da Republica. E' João Luiz Alves, advogado de nascença e orador de raça, que, ha pouco, desceu ao tumulo abençoado pelos proprios antagonistas, o

que provou, mais uma vez, que, entre nós, as luctas partidarias nunca impediram que se dobrassem os joelhos e as mãos se juntassem em prece pela alma de um adversario. E' Azevedo Junior, cujo romantismo politico enrouquecia em declarações de amor a uma republica ideal, como o poeta lyrico se estenua em juramentos de fidelidade á mulher amada, — esquecido, todavia, de que, dois seculos antes, a intuição divinatoria de Bacon já tinha proclamado que as republicas ideaes são como as estrelas: estão muito altas, muito altas, para que possam dar luz. E outros que Deus nos tem conservado para gloria da nossa terra: Edmundo Lins, Mendes Pimentel, Augusto de Lima, Affonso Penna Junior, Afranio de Mello Franco, Tito Fulgencio...

Foi no convivio desses homens verdadeiramente superiores, dos mais notaveis que já se encontraram juntos no ambito de uma pequena capital de pouco mais de quinze mil habitantes, que o sr. presidente Antonio Carlos começou a revelar a sua forte individualidade, com os dons que a singularizam — a energia tranquilla que tem uma obra a realizar e vae realizal-a, a voz de commando que se faz obedecer sem ordenar, a sensibilidade do artista que se disfarça na serenidade do diplomata, sem temer que a irreprehensível correcção de attitudes, inalteravelmente mantida ainda quando todos os punhos crispados se erguiam em desespero para as alturas, deixasse duvidas sobre o ardor pugnaz do combatente, investido, afinal, por um plebiscito consagrador, por um consenso unanime, por uma eleição que foi uma apothese, nessa grande magistratura politica que é a presidencia do Estado de Minas Geraes.

Ahi, no posto culminante, ainda é, sem duvida, um homem de partido, mas já se acha acima dos partidos pela consciencia das responsabilidades que pesam sobre o Primeiro Magistrado. Recomeça, por isso, a politica dos principios e dos ideaes, preferivel á dos empreendimentos e das realizações nesta hora incerta de crise moral, abrigando-se para logo na protecção da liberdade eleitoral como medida preservadora do regimen que o Paiz adoptou. Porque a Republica é o voto.

Eis o motivo pelo qual todos lhe bemdizem o nome, e vozes outr'ora dispersas se unificam agora na solidariedade do mesmo regosijo e do mesmo reconhecimento.

S' exc. é hoje pessoa sagrada: está, como o chefe que commandava as legiões de Carthago, envolto no véo mysterioso de Tanit, a deusa que traçava o curso dos destinos da Patria. E, nelle envolto, passará á historia politica do Brasil, fulgurando, em eterna fulguração, ao lado do primeiro Antonio Carlos, cuja gloria quiz Deus que sómente fosse egualada, na defesa e na pratica da verda'le eleitoral, por um homem do seu sangue!

A ORAÇÃO DO SR. PRESIDENTE DO ESTADO

Respondendo ás saudações que lhe acabavam de ser dirigidas, o sr. presidente Antonio Carlos pronunciou, entre repetidos applausos, de todos os presentes, a oração que aqui reproduzimos:

«Por Minas Geraes, mais do que por mim, eu vos agradeço o acolhimento fervoroso com que me recebeis, ao considerardes o renascimento do nosso Instituto Historico e Geographico.

Certo, pessoalmente, muito me desvanecem as carinhosas palavras com que, acima dos meus merecimentos, me enalteceram os dois rutilantes espiritos, cujos elogiosos conceitos me confortam e me estimulam.

Mas é como filho do nosso grande Estado e como aquelle a quem está cabendo, nesta oportunidade, o zelo maximo pelo seu presente e pelos seus destinos futuros, que eu vos affirmo a gratidão que me inspiram o fervor e o entusiasmo que estaes deliberados a consagrar á obra benemerita da nossa cultura historica.

Em verdade, descortinando aos olhos dos mineiros contemporaneos e da mocidade, que ora se aparelha para as luctas de amanhã, os fastos do nosso passado, efficaçmente concorrereis, pela influencia das lições e do exemplo que elles encerram, para que os nossos destinos sigam a linha grandiosa que lhes traçaram os ideaes e o esforço das gerações a que estamos succedendo.

Procurando reviver os commettimentos de que, sob tantos e tão altos aspectos, foram capazes as energias dos nossos antepassados; evocando, seguidamente, as virtudes dos nossos ancestraes, suas aspirações na ordem moral e material, sua tenacidade e abnegação em as realizar, a nobreza dos seus propositos, sua poderosa envergadura no esforço pelas conquistas da civilização, —teremos de nos sentir maiores; e, confiantes no genio que delles herdámos, mais aptos para as grandes construcções, que a tantos respeitos, nos cumpre continuar e multiplicar nesta opulenta e futura terra mineira.

Um povo que no seu passado inscreve as paginas, impressionantes pelo soffrimento e pela vitalidade, que foram as das *Bandeiras*; um povo que ostenta nos seus brazões a epopéa que foi o desbravamento e o dominio do sertão e que ali soube e pôde plantar a riqueza; um povo que se formou e cresceu ao influxo dos attributos da mais firme austeridade moral e que jamais vacillou em padecer na defesa das suas aspirações civicas e dos seus direitos, —é um povo que aos seus descendentes legou a consciencia da victoria nos embates da vida, desde que elles, amando carinhosamente as tradições herdadas, se esforcem por fortalecer e aprimorar as qualidades de caracter que o atavismo lhes assegura.

O orgam principal para, em beneficio das gerações futuras, descrever a terra e o homem desses tempos idos, tem de ser este insti uto, a cujo renascimento vos estaes compromettendo.

A historia de Minas Geraes está ainda por ser feita. Exceptuem-se a obra devida aos talentos e á pertinacia de Xavier da Veiga e aquella creada pelo espirito radioso e benedictino de Diogo de Vasconcellos, e não se deparará ao estudioso desses assumptos sinão a leve narrativa de episodios esparsos ou monographias que, embora meritorias, valem apenas como ligeiros lineamentos para as grandes generalizações que o historiador do futuro terá de lançar.

Ainda que permaneçamos em a simples narração de episodios, o concurso do nosso Instituto, para a obra historica, que surgirá um dia, será proeminente; e bastará pequeno esforço para que, collaborando pela fórma de conferencias mensaes, cada um de nós, projectando luz sobre tantos factos ainda obscuros, decisivamente contribua não só para a systematização que terá de vir, como para que—o que é relevante—permaneça vivaz o amor e a admiração pelos homens do passado e pelos feitos que lhes illustram a vida.

Felicito-me, senhores, pela oportunidade que se me abre de, vindo em vosso auxillio, cumprir um dever que me parece adstricto á função de presidente do Estado de Minas Geraes.

Não apenas a este Instituto Historico, mas tambem a todas as sociedades sabias existentes nesta Capital e no Estado, assim como a todo o esforço individual, em prol da nossa cultura litteraria, scientifica ou artistica, o poder executivo, enquanto me couber o seu exercicio, assistirá com a sua protecção, capacitado de que, por tal fórma, se desempenha de compromisso que lhe é imposto pelo interesse publico.

As nações valem muito pelo seu progresso material, mas o seu valor maximo, hoje e sempre, terá de ser aquilatado pelas produções da intelligencia e pelos emprehendimentos do coração.

Assim pensando e nessa orientação pretendendo agir, só me cabe, neste intante, com a renovação dos meus agradecimentos, affirmar os calorosos, applausos á vossa iniciativa e a segurança do meu constante e decidido amparo ao Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes."

OUTRAS NOTAS

Logo após, o sr. professor Luiz Pessanha, antigo secretario do Instituto, leu a acta da sessão anterior, que foi approvada, sem discussão.

O sr. dr. Magalhães Drummond, depois de fazer o elogio dos grandes serviços prestados ao Instituto pela ultima directoria, propoz

que, por aclamação, se elegeisse e se empossasse a nova, para cuja constituição apresentou os seguintes nomes:

Presidente, dr. Aurelio Pires; vice-presidente, dr. Gustavo Penna; orador perpetuo, dr. Diogo de Vasconcellos; orador electivo, dr. José Eduardo da Fonseca; 1.º secretario, dr. Mario de Lima; 2.º secretario, Joaquim Nabuco Linhares; thesoureiro, Emilio Mineiro.

Fez o mesmo em relação á organização das commissões do Instituto, com a apresentação dos seguintes nomes:

Commissão de fundos e orçamentos:—Desembargador Tito Fulgencio dr. Pedro da Matta Machado, Antonio de Carvalho Brandão, dr. João Carvalhaes de Paiva, Theophilo da Costa Lage e Abilio Barreto.

Commissão de estatutos e redacção da Revista:—Dr. José de Magalhães Drummond, dr. Orozimbo Nonato da Silva, dr. Arduino Bolivar, dr. Carlos Góes, dr. Abilio Machado, dr. Alberto Alvares.

Commissão de trabalhos historicos:—Dr. Lucio dos Santos, dr. Rodolpho Jacob, dr. Cypriano de Carvalho, dr. José Eduardo da Fonseca, dr. Daniel de Carvalho, dr. Theophilo Feu de Carvalho.

Commissão subsidiaria desta:—Monsenhor João Martinho de Almeida, professor Leopoldo Pereira, Pelicano Frade, Joaquim Nabuco Linhares, dr. Léon Renault.

Commissão de trabalhos geographicos:—Dr. F. Mendes Pimentel, senador Valladares Ribeiro, dr. Lourenço Baeta Neves, dr. Benedicto José dos Santos, dr. Alvaro da Silveira, dr. M. A. Teixeira de Freitas.

Subsidiaria desta:—Dr. Jacques Maciel, dr. Pedro da Matta Machado, dr. Olyntho Meirelles, dr. E. Borges da Costa, Socrates Alvim.

Commissão de archeologia, ethnographia e linguas indigenas:—Dr. Nelson Coelho de Senna, dr. David Rabello, dr. Francisco de Magalhães Gomes, dr. Hugo Furquim Werneck, dr. capitão Herculano de Assumpção, dr. Alexandre de Carvalho Drummond.

Commissão de pesquisas de manuscriptos e documentos:—Dr. Noraldino Lima, dr. Thomaz Brandão, dr. Domingos Porto, dr. José B. Olinda de Andrada, dr. Augusto Versiani Velloso, dr. Argemiro de Rezende Costa.

Commissão subsidiaria da precedente:—Dr. Francisco Brant, dr. Domiciano Vieira, dr. Arthur Guimarães, dr. Antonio Affonso de Moraes, professor Sebastião Corrêa Rabello.

Commissão de biographia:—Sr. arcebispo d. Antonio Cabral, dr. Estevão Leite de Magalhães Pinto, dr. Juscelino Barbosa, desembargador Francisco de A. Barcellos Corrêa, dr. Gustavo Penna, dr. Claudio Alar B. de Lima.

Commissão de admissão de socios:—Dr. Antonio Rodrigues Coelho Junior, desembargador Raphael de Almeida Magalhães, dr. Claudio da Silva Brandão, desembargador Antonio Arnaldo de Oliveira, professor Luiz Pessanha, dr. João Lucio Brandão.

Ambas as propostas do sr. dr. Magalhães Drummond foram approvadas, declarando o sr. presidente Antonio Carlos eleitas, e desde logo empossadas, a directoria e as commissões acima nomeadas.

Em seguida, o sr. dr. Rodolpho Jacob justificou e pediu, em breve discurso, a nomeação de uma commissão que delineasse um plano sobre o modo mais conveniente de se realizarem as projectadas conferencias mensaes do Instituto.

Approvada essa proposta, o sr. presidente Antonio Carlos nomeou para a commissão lembrada pelo orador os srs. drs. Diogo de Vasconcellos, Augusto de Lima, Aurelio Pires, Nelson de Senna, Rodolpho Jacob, Juscelino Barbosa e José Eduardo da Fonseca.

Encerrando, a seguir, a sessão, ás 22 e meia horas, o sr. presidente Antonio Carlos communicou aos presentes a auspiciosa nova de que a primeira e a segunda conferencia do Instituto, em sua nova phase, se realizarão nos dias 7 e 21 de abril proximo, sendo oradores os srs. conde de Affonso Celso e dr. Antonio Augusto de Lima, o que causou a mais grata impressão em toda a assistencia.

(Do MINAS GERAES, de 27 de fevereiro de 1927).

A memoravel sessão com que essa corporação scientifica inaugurou hontem a serie de suas conferencias mensaes

A data historica hontem transcorrida, assignala para o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes o inicio brilhante e promissor de uma nova phase de trabalho intelligente e fecundo, com a inauguração da serie de conferencias que a sua directoria acaba de promover, após a memoravel sessão magna ha mez e pouco realizada sob o entusiastico applauso dos que se interessam pelo crescente progresso mental de nossa terra.

Coube ao sr. conde de Affonso Celso, consagrado intellectual e professor illustre, dar inicio a esse trabalho de remarcada relevancia, falando-nos de uma das figuras de maior gloria e grandeza no antigo scenario politico do Brasil, qual seja a do visconde de Ouro Preto, cujo nome a Historia revive, na sua incorruptivel justiça, como um symbolo de dedicação patriótica e de exemplar civismo.

A' hora marcada, chegava ao edificio da Camara dos Deputados o sr. presidente Antonio Carlos, que, além de por seu ajudante de ordens, commandante Oscar Paschoal, era acompanhado pelos srs. dr. Bias Fortes secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital; e dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official.

A' porta da Camara, foi o chefe do Estado recebido pelo sr. dr. Aurelio Pires e demais membros da directoria do Instituto Historico e Geographico, que o conduziram até a Mesa, onde s. exc. tomou assento para presidir a sessão.

A entrada do sr. presidente Antonio Carlos no salão foi acolhida com calorosa salva de palmas da assistencia, que, á passagem de s. exc., se poz de pé.

Instantes após, dava entrada, igualmente, no salão da Camara dos Deputados o sr. conde de Affonso Celso, que, acompanhado dos membros da directoria do Instituto, foi recebido sob demorada salva de palmas.

Occupando a presidencia da sessão, o chefe do Estado, que tinha á sua esquerda o sr. conde de Affonso Celso e, á sua direita, o sr. Arcebispo de Bello Horizonte, disse que o Instituto inaugurava, de modo memoravel, a sua nova phase, ouvindo a palavra de uma das grandes personalidades do paiz, tanto no Brasil passado como no Brasil contemporaneo, sobre um thema que era particularmente grato ao coração e ás tradições do povo mineiro. Deu, logo após, a palavra ao orador do Instituto, dr. José Eduardo da Fonseca, que dirigiu a seguinte saudação ao sr. conde de Affonso Celso, sendo calorosamente applaudido:

«Meus senhores.—Nada mais facil do que louvar a vida e a obra do sr. conde de Affonso Celso. Da sua mentalidade dir-se-ia com justeza que parece um instrumento maravilhoso, a que não faltasse nenhuma corda. Advogado e parlamentar, jornalista e professor, poeta e conteur, homem de salão, requintado como Garrett, e homem de lucta, intransigente como Rochefort, revelou sempre aptidões multiplas e complexas, que fariam o orgulho e a gloria de muitas existencias. Excusado fôra recordal-o: E' escriptor insigne e orador surprehendente; é pensador de amplo des-cortino e jurisculto de grande tomo; é ainda um artista, no sentido real desta palavra aviltada; é, sobretudo, um varão integro, corajoso, desinteressado, recto e benigno, que, na sua nobre vida intensamente vivida, soube honrar e praticar sempre a dignidade humana!

Poeta, foi quem primeiro, entre nós, afinou a sua lyra magica pelo divino instrumento de Heredia ou de Lecomte, proporcionando-nos, com as Telas Sonantes, novos rythmos e novas vibrações sem falar nas joias sideralmente fulgidas e irreprehensivelmente cinzeladas que se encastoavam com o seu nome nas folhas academicas. Isso occorria no tempo em que o espirito escolar teve uma exuberancia, que se não renovou, achando-se reunidos debaixo do tecto sagrado do mosteiro de S. Francisco, que foi a casa da sua mocidade, Theophilo Dias, Julio de Castilhos, Silva Jardim, Assis Brasil, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, Eduardo Prado, Valentim Magalhães, Pedro Lessa e Julio Mesquita, de cuja

mão, enregelada pela morte, acaba de tombar a penna intrepida, que é uma reliquia da nossa imprensa.

Tribuno, flammejava-lhe na palavra a paixão da Liberdade, quando as senzalas e os ergástulos ruraes, que se levantavam aqui e além, iam ser destruidos pela propaganda redemptora, numa época de immaculado idealismo politico, em que havia mais fidelidade a sentimentos e principios e menos apego a interesses e glorias. Falava-se ao espirito e ao coração. O estomago nada entendia... Por isso mesmo, Rossinante não estava gordo como um báculo, nem D. Quixote se achava entregue de corpo e alma ao seu rendoso commercio de secco e molhados.

Felizes os que, como o sr. Conde de Affonso Celso, puderam fugir á corrente utilitaria desta hora perturbada e souberam permanecer fieis ao ideal do início da carreira!

Dahi o motivo pelo qual as acclamações, que glorificaram a sua juventude, quando os sonhos se lhe repontavam na alma com a mesma espontaneidade e profusão com que as rosas desabrocham na primavera, resoam até hoje e vêm coroar-lhe de louros a cabeça encanecida, trazendo aos seus cabellos brancos a severa alegria do dever cumprido e a doce impressão de que o sol de tantos raios da primeira idade esteja rebrilhando agora, como resplandeceu outr'ora no fragor das luctas que fizeram a Abolição e a Republica. Assim, o passado e o presente reúnem-se, confundem-se ou unificam-se no mesmo triumpho, ao longo curso de sua existencia digna, fecunda, exemplar.

O homem realizou o ideal do patriota, que tenta vincular, numa perfeita continuidade historica, as aspirações do presente ás conquistas do passado — para que um seja o prolongamento do outro e o futuro seja a continuação de ambos.

Sem duvida, é essa uma obra de esclarecido e vigoroso civismo, — obra que nunca foi tão necessaria como nos dias que correm.

O sentimento propriamente brasileiro, si ainda o possuímos, é tenue, frouxo, bruxuleante, quasi apagado. As grandes instituições nacionaes, a pouco e pouco, extinguiram-se na tradição, e desaparecem, um a um, os grandes nomes nacionaes, substituidos pelas celebridades caboclas da provincia.

Cumprir, pois, uma como escola de resistencia ás varias causas dissolventes e desagregadoras, que nos ameaçam.

Dessa escola seria o sr. conde de Affonso Celso o professor incomparavel, o magnifico reitor — pela pureza da fé e pela plenitude da visão, pela competencia technica e pela auctoridade moral.

Assim o comprehendeu o sr. Presidente do Estado, quando em nome do Instituto Historico, lhe pediu nos recordasse aqui a vida do famoso estadista que foi seu pae.

Bem inspirado andou o sr. Antonio Carlos.

Ninguém estremeceu mais a Pátria do que o visconde de Ouro Preto. Amou-a na grandeza e na gloria; amou-a na desventura e no exílio. A terra estrangeira, com o esplendor do seu progresso, não teve encantos para elle. Também a ilha divina, cujos outeiros eram eternamente verdes e cujo céu era perpetuamente azul, augmentava em Ulysses as saudades da sua Ithaca longinqua, cada vez mais amada, á medida que cresciam suas desgraças e se avolumavam as legiões de pretendentes.

Ha esse traço de semelhança entre o mytho da epopéa hellénica e o super-homem dos tempos heroicos da nossa vida politica.

Ninguém estremeceu mais a Pátria do que o immortal brasileiro.

«Não existe, na Republica, lugar para mim»—são delle as palavras, lançadas numa pagina commovedora, em que se sentem a melancolia e o desalento de quem nada mais espera e a nada mais aspira: «Não existe, na Republica, lugar para mim; mas não posso viver longe do Brasil».

Depois... depois refugiou-se na dignidade do silencio...

Terminando, rogo ao eminente compatriota, herdeiro forçado do genio e das virtudes do visconde de Ouro Preto, que se digne receber as homenagens do Instituto Historico».

Após o discurso do sr. professor José Eduardo, o sr. presidente Antonio Carlos deu a palavra ao sr. Conde de Affonso Celso, que por espaço de mais de uma hora, discorreu, com a facilidade de exposição, a elegancia, a clareza e o brilho de linguagem do palestrador fascinante que é, sobre o thema: «Traços moraes do visconde de Ouro Preto», interrompido, mais de uma vez, por entusiasticos e repetidos applausos da assistência, notadamente quando, em surtos de eloquencia, falou nos grandes exemplos de energia moral de seu inolvidavel pae e encareceu as virtudes cívicas do povo mineiro.

Eis, em pallido resumo, o que foi a magnifica e encantadora conferencia do sr. conde de Affonso Celso:

O sr. conde de Affonso Celso começou agradecendo as muitas demonstrações de sympathia e acatamento com que foi obsequiado desde que pisou o solo de Bello Horizonte.

Agradece especialmente o honroso convite para inaugurar a nova phase do Instituto, installado, ha vinte annos, pelo emerito e saudoso João Pinheiro.

Filho de Ouro Preto, não applaudiu, em começo, a fundação da nova Capital de Minas. Hoje, como mineiro e como brasileiro, orgulha-se do que, em Bello Horizonte, se tem conseguido.

Ouro Preto e Bello Horizonte completam-se, harmonizam-se, representando uma a tradição e o passado, outra o progresso e o

futuro; são o verso e o reverso da mesma preciosa medalha, duas facetas do mesmo diamante; attesta Ouro Preto a grandeza das antigas gerações, Bello Horizonte a das actuaes, merecendo tanto umas como outras identica veneração.

Conheceu a região da presente Capital quando era apenas um pouso de viajantes e se chamava Curral d'El Rey; revendo-a agora, lembra-se dos contos de fadas em que camponesas se transformam de repente em princezas e rainhas.

Apresenta ao Instituto Historico de Minas as fraternas saudações do Instituto Historico Brasileiro, cujos primeiros estatutos foram approvados pelo grande filho de Minas, Bernardo Pereira de Vasconcellos, em abril de 1839, e que foi presidido, durante 27 annos e meio, por outro mineiro illustre, Candido José de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy.

Quando se installou o Instituto de Minas, o Brasileiro fez-se representar em Bello Horizonte por uma commissão de que fizeram parte o secretario perpetuo dr. Max Fleiuss e o barão de Studart.

Agradeceu ainda o orador a delicada, a primorosa gentileza do thema que lhe suggeriram: a de falar do seu maior amigo, do seu maximo motivo de orgulho, do seu guia, do seu exemplo vivo, daquelle a quem tudo deve, do seu saudosissimo pae, o visconde de Ouro Preto.

Não dará delle uma biographia completa: traçará apenas algumas linhas de seu perfil moral, narrando alguns factos mais característicos da sua individualidade.

Nascido a 21 de fevereiro de 1837, em Ouro Preto, fallecido na mesma data, de 1912, em Petropolis, exerceu elle os seguintes cargos de eleição popular: juiz de paz, deputado provincial, deputado geral, senador do Imperio, e entre outros de nomeação: official de gabinete de dois presidentes de São Paulo, secretario de Policia de Minas, inspector da Fazenda Provincial, procurador fiscal da Fazenda Geral; Ministro da Marinha, do Imperio e da Fazenda, presidente do Conselho de Ministros, conselheiro de Estado, veador da Imperatriz, professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

Recebeu varias condecorações estrangeiras.

Escreveu numerosos livros sobre Direito e Politica; fundou e redigiu varios jornaes.

Desde estudante, distinguio-se tanto pelo talento e applicação, como pelo caracter sobremodo altivo.

O orador narra interessantes episodios para o comprovar.

Na assembléa provincial e na geral destacou-se como orador de primeira ordem e grande trabalhador nas commissões.

Eleito 1.º secretario da Camara, entrou, como Ministro da Marinha para o gabinete de 3 de agosto de 1866.

Tinha menos de 29 annos, foi um dos mais jovens ministros da Monarchia.

Diziam jocosamente os jornaes da época que elle, com a proverbial economia dos mineiros, se formára, se casára, fôra funcionario publico, deputado provincial, deputado geral e ministro de Estado, usando a mesma casaca.

A pasta da Marinha, naquella quadra, uma das mais difficeis, da guerra do Paraguay, era de summa responsabilidade. O joven Ministro geriu-a admiravelmente, organizando victorias memoraveis. Quando a deixou, a nossa esquadra era a primeira da America.

Sahindo do governo em 1868, era, apesar da sua pouca idade, um chefe, um estadista consagrado. Dedicou-se então á advocacia e á imprensa.

Em 1876, voltou á Camara, como opposicionista ao governo conservador.

Em 1879, foi escolhido senador do Imperio e nomeado Ministro da Fazenda, pasta que administrou durante pouco mais de um anno. Conquistou ali a nomeada de habilississimo financeiro. Suas ideias e projectos sobre importação, exportação, cambio, moeda, bancos, etc., ainda hoje têm oportunidade.

No Senado, no Conselho de Estado, prestou valiosissimos serviços, collaborando, pela iniciativa, discussão, emenda, em toda a legislação da época.

«Res non verba; agere non loqui», era a sua divisa.

Em fins de 1889, convocou, com os outros senadores liberaes, um congresso do Partido para assentar o programma que deveria ser executado si o mesmo Partido fosse chamado ao poder. Reuniu-se em maio de 1889 esse congresso e adoptou, entre outras largas reformas, a de ampla descentralização administrativa, sem, contudo, chegar á federação, defendida pelo sr. Ruy Barbosa mas que muito poucos votos alcançou.

Incumbido de organizar o Ministerio um mez mais tarde, o visconde de Ouro Preto propoz-se a realizar o programma, tão adiantado que um deputado exclamou, ao ouvi-lo, na Camara:— E' o começo da Republica!

Analysa o orador os actos do Ministerio Ouro Preto, que durou apenas 160 dias.

Quatro desses actos bastam para illustrar-o: a conversão dos juros da dívida externa; o estabelecimento da circulação metálica; o recolhimento do papel moeda, que estaria extinto em cinco annos, si o Governo Provisorio não houvesse rescindido o contracto respectivo; a solução do litigio das Missões com a Republica Argentina.

Dois factos relevantes cumpre assignalar: a insistencia com que o Visconde quiz que Ruy Barbosa fizesse parte do Governo; as attensões dispensadas a Floriano Peixoto, que com elle serviu até o fim.

Defende o orador esse Ministerio da pecha de inimigo das classes armadas.

Não; elle o foi, apenas, do militarismo, do caudilhismo militar, que levanta e derriba dictaduras; queria, ao contrario, as classes armadas fortes e prestigiosas, mas disciplinadas, subordinadas á lei e ao poder civil, defendendo a lei, combatendo os inimigos da lei.

Defende-o igualmente de haver sido o causador da queda da monarchia, queda determinada por muitas, remotas e graves causas.

O visconde de Ouro Preto, escrevem Quintino Bocayuva, foi chamado á ultima hora, como medico eminente para salvar um enfermo quasi desenganado. Empregou, de modo extraordinario, todos os recursos da sciencia e da dedicação; mas não podia fazer milagres. Caiu, porque lhe faltaram, de repente, todos os elementos com que contava. Caiu, porém, de pé, sobranceiro, impondo-se ao respeito e á admiração dos proprios adversarios.

Banido, enfermo, com escassos recursos materiaes, injuriado, calumniado, tendo perdido todas as posições a que ascendera, jamais proferiu uma palavra contra a Patria.

Firme nas suas convicções monarchicas, declarou que, si a nação livremente sancionasse o advento da Republica, dever era de todo o brasileiro digno contribuir, na medida da sua capacidade, para que, respeitadas as normas da moderação e da justiça, pudesse o novo regimen augmentar a grandeza e a prosperidade nacionaes.

Durante o exilio, matriculou-se, como estudante, em cursos de Economia Politica e Finanças.

Regressando ao Brasil, após a revogação do banimento, tentou organizar, com os conselheiros João Alfredo, Lafayette, Andrade Figueira e Carlos Affonso, o partido monarchista.

Fundou o jornal «Liberdade», que foi empastellado, sendo assassinado o seu gerente, coronel Gentil José de Castro.

Nessa occasião soffreu tambem o visconde uma tentativa de assassinato.

Obrigado a refugiar-se no estrangeiro, septuagenario, com os padecimentos physicos aggravados, trabalhou ainda esforçadamente, publicando—«A Marinha de outr'ora», «O Credito movel», a «Decada republicana».

Nos ultimos annos, dedicou-se ao Instituto Historico e ao ensino de Direito, tornando-se diligente e competantissimo professor.

A mocidade academica adorava-o, elegeu-o seu paranympo em mais de uma occasião.

Era uma grande compensação, porque a juventude traduz a voz antecipada da posteridade.

Teve, porém, outras compensações, como a amizade constante do Imperador e da familia imperial. O conselheiro Affonso Penna dirigiu-lhe bellissima carta, a 17 de novembro de 1889, endereçando-a para o visconde de Ouro Preto, em sua gloriosa prisão. O conselheiro Rodrigues Alves, quando ministro da Fazenda da Republica, pediu-lhe conselhos sobre a sua gestão financeira. O Estado de Santa Catharina o nomeou seu advogado na questão de limites com o do Paraná. A Prefeitura da Capital Federal deu o nome d'elle, mediante honrosissimo decreto, a uma rua da cidade. O mesmo fez a de São Paulo.

Teve a morte serena e resignada dos justos, no dia em que completava 75 annos de idade, 21 de fevereiro de 1912, no meio da consternação da familia, de que era chefe austero e carinhosissimo, e de innumerados amigos e admiradores.

Tal foi, em pallido escorço, a vida desse homem que, partindo de modestas condições, chegou, sem favoritismo, graças apenas ao seu merito, até onde, sob o Imperio, podia alguém chegar; que trabalhou, luctou, soffreu como poucos; que, tambem como poucos, conheceu horas de triumpho e horas de amarga adversidade; mas que na boa ou na má sorte, na grandeza ou na desgraça, sempre, invariavelmente, em toda parte, mostrou, de par com peregrina intelligencia, eximias virtudes, as virtudes genuinamente mineiras, de labor, de perseverança, de firmeza, de lealdade, de honradez, de energia, de coragem civica e de patriotismo.

Muito se orgulhava elle de haver nascido em Minas; Minas muito pôde, muito deve orgulhar-se de tal filho.

Ao terminar a sua espledida palestra, foi o sr. conde de Affonso Celso demoradamente applaudido pela assistencia, entre a qual se viam professores dos varios estabelecimentos de ensino superior da Capital; officiaes do Exercito e da Força Publica, representantes de diversas associações scientificas, medicos, advogados, engenheiros, jornalistas, escriptores e numerosas familias da nossa alta sociedade.

Entre os presentes, viam-se além dos auxiliares do governo já referidos, os srs. dr. Fernando Mello Vianna, vice-presidente da Republica; drs. Mario de Lima e Olinda de Andrada, secretario e official de gabinete da Presidencia do Estado; desembargador Raphael Magalhães, presidente do Tribunal da Relação; major Raymundo Felicissimo,

pelo sr. dr. Francisco Campos, secretario do Interior; dr. João Lucio Brandão, presidente da Academia Mineira de Letras; capitão dr. Herculano Teixeira de Assumpção, pelo sr. general Diogenes Tourinho, commandante da 8.^a Brigada do Exercito; deputado Augusto de Lima, da Academia Brasileira de Letras; dr. Rodolpho Garcia, pelo Instituto Historico Brasileiro, e professor Paulo Parreiras Horta.

Encerrando a sessão, o sr. presidente Antonio Carlos, depois de agradecer a fidalga gentileza do sr. conde de Affonso Celso, vindo inaugurar a serie de conferencias mensaes do Instituto, disse, entre applausos de todos os presentes, que as ultimas palavras a serem proferidas, naquella memoravel sessão, deviam ser sómente as que bem traduzissem a veneração dos mineiros pela memoria do visconde de Ouro Preto, de cujos talentos peregrinos e virtudes modelares era herdeiro integral o orador que acabava de ser ouvido, com encanto, pela selecta assistencia.

A's 22 horas, terminava a conferencia, que propiciou a Bello Horizonte uma das mais brillantes festas de intelligencia e de cultura que aqui já tivemos.

A commissão de recepção nomeada pelo Instituto para a sessão de hontem, era composta de seu presidente, professor Aurelio Pires, e de mais os seguintes socios: drs. Mario de Lima, Rodolpho Jacob, Magalhães Drummond, sr. Joaquim Nabuco Linhares, e dr. Abilio Machado.

Durante a sessão, tocou, em frente ao edificio da Camara dos Deputados, uma banda de musica da Força Publica.

(Do *Minas Geraes*, de 8 de abril de 1927).

A sua sessão solemne de hontem — O discurso do orador official — A conferencia do professor Aurelio Pires

Com a sessão solemne que hontem realizou, o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes propiciou ao nosso mundo culto uma festa radiosa de intelligencia e de amor ao passado, pela qual já se pôde julgar plenamente victoriosa a phase de seu renascimento, sob os auspícios do sr. presidente Antonio Carlos.

Quantos estiveram hontem no salão da Camara dos Deputados trouxeram a grata convicção de que o Instituto, fazendo renascer entre nós o interesse e o gosto pelos estudos historicos, poderá ser, dentre em pouco, um dos elementos mais efficientes e mais uteis de engrandecimento da terra mineira.

A sessão de hontem, commemorativa da gloriosa data de 21 de abril, teve a presença de todas as pessoas representativas da intellectualidade de nosso meio.

Às 14 horas, chegava à Camara dos Deputados o sr. presidente Antonio Carlos, acompanhado do seu official de gabinete, dr. Olinda de Andrada, e do seu ajudante de ordens, commandante Oscar Paschoal, com os srs. dr. Gudestau Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; capitão J. Gabriel Marques, assistente militar do sr. dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital; dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official, e varios outros auxiliares da administração.

Recebido, à porta do edificio, pelas srs. professor Aurelio Pires, dr. Gustavo Penna e dr. Lourenço Baeta Neves, presidente e socios do Instituto, foi o chefe do Estado introduzido no recinto das sessões da Camara, onde toda a assistencia, de pé, saudou s. exc. com rumorosa salva de palmas.

A concurrencia era das mais numerosas e selectas, vendo-se entre os presentes os srs. dr. João Lucio Brandão, presidente da Academia Mineira de Letras; directores e alumnos dos estabelecimentos de ensino da Capital, capitão dr. Herculano Teixeira de Assumpção, representante do sr. general dr. Diogenes Monteiro Tourinho, commandante da 8.ª Brigada de Infantaria do Exercito, senadores, deputados, jornalistas e grande numero de familias da nossa alta sociedade.

Occupando a cadeira da presidencia, o chefe do governo mineiro abriu a sessão, explicando os bellos e elevados objectivos desta, em breves phrases, que foram muito applaudidas. Logo após, deu a palavra ao sr. dr. José Eduardo da Fonseca, orador do Instituto, que proferiu a brilhante saudação abaixo, terminada debaixo de calorosos applausos.

O DISCURSO DO ORADOR OFFICIAL

«Meus senhores. — O Instituto ouviria hoje o maravilhoso, o excelso, o altissimo poeta das Contemporaneas, que não teve antecessores nem continuadores na evolução literaria do Brasil. Foi poeta-philosopho, quando seus irmãos em Apollo não iam além de um lyrismo sensual, cheio de gritos de lascivia, que lembram os faunos dos bosques sagrados de Hellenia. Do corpo do Orpheu dos tropicos, mais do que do mytho immortal, deviam apoderar-se as bacchantes das selvas...

Poeta-philosopho, a princípio, Augusto de Lima comprehendeu depois que a poesia não pôde aviltar-se em pagem da sciencia, porque a purpura da realza se não deve converter em libré de lacaio. Viu tambem que a philosophia positiva da sua

iniciação scientifica era uma philosophia negativa, assim como o evolucionismo e o pragmatismo, que vieram mais tarde, não passavam de simples hypotheses, aparentemente verdadeiras para uns, evidentemente falsas para outros.

Todavia, do desmoronamento de tantos systemas e de tantos sonhos, salvou-se o ideal christão, florindo entre as ruínas de uma sciencia fallaz a roseira mystica. Libertava-se, assim, a aguiá captiva.

Nesta hora, o crente interromperia a traducção dos poemas de São Francisco de Assis para que o patriota commemorasse o martyrio de Tiradentes.

— A Arte, a Fé, e a Patria... Onde maiores ideaes? Foram os ideaes dessa grande vida. Por elles, Augusto de Lima ascendeu, muitas vezes, ao infinito e, com elles, viveu minutos eternos de belleza perfeita.

Circunstancias imprevistas obstaram a vinda do eminente cidadão a esta Capital. Quiz Deus, porém, que hoje fosse uma data de gloria para o nosso pensamento. E a tribuna destinada a Augusto de Lima vai ser occupada por Aurelio Pires, meu mestre e meu amigo, cuja altiloqua eloquencia é propria, como nenhuma outra, a agitar as palmas da apothese e os ramos de carvalho no dia santo dos mineiros, quando a familia da montanha, religiosamente, evoca o Proto-martyr, que foi a suprema expressão da grandeza moral da nossa raça.

Interprete official do Instituto, venho apenas trazer ao nosso preclaro presidente, a quem Deus multiplique os triumphos, os agradecimentos collectivos da corporação, que dirige, pela presteza e benevolencia com que annuiu a um convite de ultima hora».

Findo o discurso do orador official, o sr. presidente Antonio Carlos deu a palavra ao 1.º secretario do Instituto, sr. dr. Mario de Lima, para ler o final da sentença condemnatoria de Tiradentes e de seus irmãos de gloria e de infortunio, o que foi feito num ambiente de religioso silencio e funda emoção de toda a assistencia.

Pelo presidente da sessão, foi dada, em seguida, a palavra ao sr. prof. Aurelio Pires, que leu a seguinte conferencia, a qual em todos deixou a impressão de uma pagina magnifica de encantadora scintillação litteraria, vibrante eloquencia, proveitoso ensinamento civico e ardente amor á grandeza luminosa do passado de nossa terra:

A CONFERENCIA DO PROFESSOR AURELIO PIRES

Senhores e senhoras.

«E' honra e interesse dos povos, que foram grandes, venerar suas memorias. Nellas está como que cifrada a acrópole ideal, que as defende e presidia contra a insolencia e a cubia dos extranhos.

De feito,—acrescenta o auctor da *Galeria dos varões illustres de Portugal*,—quando um povo intenta mostrar ao mundo quaes são os titulos que lhe asseguram o direito á independência, não é apontando na carta as suas fronteiras e allegando a existencia material que pode, nos amigos, excitar o respeito da sua liberdade, e conter, nos cubicosos, os impulsos da ambição.

Não lhe basta ser, apenas, uma fortuita aggreção de homens consociados, para, mais commodamente, subsistirem no estreito circulo de uma vida sem nome e sem reflexo. E' preciso que, na seiva da nação, exista insuflado e vivacissimo o bafejo, que o espirito alimentado de uma idéa, de uma tradição, de uma gloria, lhe esteja animando o corpo sem cessar.

E' forçoso que os seus feitos lhe assignalem logar illustre no presente conturbenio das nações, e atestem que este povo, co-operando eficazmente na progressão da humanidade, é necessario ao concerto e á harmonia do mundo civilizado.

E' por isto, meus senhores, que o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, um de cujos fins precipuos é investigar e colligir documentos concernentes á historia de nosso Estado; é por isto que esta associação, conscia de que a commemoração do passado é a melhor preparação do futuro, vos convocou hoje, aqui, para commemorarmos uma de nossas datas maximas, para relembrarmos um acontecimento que derrama luz intensa nas paginas de nossos fastos, para evocarmos a figura esculptural, épica, apostolar, do immortal montanhez, do excelso martyr, de *Tiradentes*, enfim, cujo nome, tendo já transposto as galerias da historia, se incorporou ao nosso patrimonio moral, ingressou no escriptorio opulento das caras tradições do livre povo mineiro.

Aquillo a que Ricardo Jorge chamou a plutarchização dos grandes homens,—é, antes de tudo e no fim de tudo, uma moral em acção. Tão certo é que vivemos dos que foram, dos que polarizaram a nossa existencia com a sua orientação poderosa.

Em boa hora, portanto, esse Instituto avocou a si a celebração de nossas grandes datas, e a rememoração de nossos grandes homens, pois «sem o culto posthumo, sem o fervor dos adeptos, não ha peanha que a carcoma do tempo não derrube prestes», e o nosso glorioso patricio foi bem daquelles em que o barro humano emerge do lodo da terra e se transubstancia na essencia superior e indefinivel dos que povoaram a summa serie dos heroes, dos agiologios e dos grandes vultos da humanidade.

Não é meu intento, meus senhores, desenrolar ante vossos olhos todos os episodios sublimes e tragicos que assignalaram a Conjuração Mineira, cujo epilogo sangrento foi o supplicio inominavel de *Tiradentes*. Nem, tão pouco, vos repetirei a biogra-

phia modesta, humilde, e, ao mesmo tempo, grandiosa e inspiradora, do heroe mineiro.

Tudo isto já vem vindo narrado, esmerilhado, recontado, decantado, em prosa, em verso, em musica, por orgãos mais auctorizados, entre os quaes o do nosso altissimo poeta, Antonio Augusto de Lima, o qual, si não fôra circumstancia inopinada e fortuita, é que deveria estar aqui, neste momento, enaltecendo e illuminando esta tribuna, que me vi forçado a usurpar, com grande damno para a memoria daquelle a quem estamos cultuando, e prejuizo ainda maior para vós outros, que viestes honrar-me com vossas attensões.

Demais, a historia de *Tiradentes*, aqui, em Minas, já passou para o dominio da lenda, a qual se repete á roda da fogueira nocturna, quando as estrellas accendem o fulgor sereno de seu briho, na profundeza azulada de nosso céu, enquanto o vento ulula e geme nas franças de nossas florestas magestosas, do mesmo modo que a historia da meiga e soffredora *Evanjelina* era repetida, pelos simples lavradores *Acadianos*, enquanto o velho oceano inquieto bramia em seus penhascosos e retumbantes antros. A *Tiradentes*, em Minas, ajusta-se bem o que o poeta disse de *Turenne*, na França: «On parlera longtemps de sa gloire sous la chaumière».

Da Conjuração Mineira, que, como labéo, foi cognominada *Inconfidencia*, por haver sido uma conspiração pela liberdade, sob o dominio de um absolutismo brutal; dessa arrancada atrevida de um povo oprimido e vilipendiado contra uma metropole gananciosa e avára; desse sonho de poetas, como, por escarneo foi chamado esse anelo ardente pela liberdade de uma nacionalidade, que se esboçava, e em que se destacam figuras como a de *Gonzaga*, o doce poeta enamorado, de *Claudio Manoel da Costa*, a alma de *Catão*, de *Alvarenga Peixoto*, o espirito espartano; e de tantos outros, que rasgaram em nossos annaes essa esteira de luz, cujo brilho ainda vem até nós; desse episodio historico, de significação tão elevada, convém que saibamos tirar as consequencias que delle se desdobram, e deduzir os factos que de seu bôjo se desentranham.

Só assim conseguiremos realizar o sabio preceito de *Flaubert*, segundo o qual, «lendo a historia e interessando-nos pelas gerações mortas, aprenderemos a ser indulgentes para com os vivos e a soffrer menos».

Atravéz das justças immanentes da historia, a derrota dos vencidos tem sido, muitas vezes, a condemnação dos vencedores.

E' por isto que, ainda hoje, volvidos 136 annos, o nome do obscuro alferes de cavallaria, que se chamou *Joaquim José da Silva Xavier*, ainda é pronunciado com orgulho e lembrado

com admiração agradecida. E' porque nunca perdeu o equilibrio moral perante ameaças e soffrimentos, e porque soube ser um grande patriota extremo, no sentido nobre e elevado da palavra.

O patriotismo! Não ha palavra que tenha sido mais ampliada, mais torturada, mais restringida, mais deformada do que esta.

Um jornalista notional, conhecido pela fórma paradoxal de seus conceitos, escreveu, certa vez, que patriotismo não é manifestação de bandeira, nem gritos contra os estrangeiros, quando elles affirmam sua superioridade; patriotismo não é a fanfarronada de ficar eternamente na immundicie, dizendo que nós somos uns heroes, porque os voluntarios da Patria fizeram prodigios na guerra do Paraguay. Patriotismo é demonstrar, no conceito das nações, o seu valor igual ou maior do que os outros, na industria, na arte, no progresso. Foi assim que se fez a Republica dos Estados Unidos do Norte: é assim que nos faremos nós, — terra da America, terra nova, terra de energias novas, terra de deslumbramento.

Um outro escriptor, e este estrangeiro, disse, em uma de suas paginas de ouro: «Ha, em primeiro logar, o nobre patriotismo dos patriotas: esses amam a patria, não dedicando-lhe estrophes, mas com a sinceridade grave e profunda dos corações fortes. Respeitam a tradição, mas o seu esforço vae todo para a nação viva, a que em torno delles trabalha, produz, pensa e soffre: e, deixando para traz as glorias conquistadas, occupam-se da patria contemporanea, cujo coração bate ao mesmo tempo que o seu, procurando perceber-lhe as aspirações, dirigir-lhe as forças, tornal-a mais livre, mais forte, mais culta, mais sabia, mais prospera, e por todas estas nobres qualidades eleva-la entre as nações. Nada do que pertence á patria lhes é estranho: vão por entre o povo, educando-o, procurando-lhe mais trabalho, e organizando-lhe mais instrucção, promovendo sem descanso, os dois bens supremos, — Sciencia e Justiça.

Põem a patria acima do interesse, da ambição, da gloriola; e, si têm, por vezes, um fanatismo estreito, a sua mesma paixão diviniza-os. Tudo o que é seu o dão á patria: sacrificam-lhe vida, trabalho, saúde, força. Dão-lhe, sobretudo, o que as nações necessitam mais, e o que só as faz grandes: dão-lhe a verdade. A verdade em tudo, em historia, em arte, em politica, nos costumes. Não a adulam, não a illudem. Critam-lhe sem cessar, a verdade rude e brutal. Critam-lhe: «Tu és pobre, trabalha; tu és ignorante, estuda; tu és fraco, arma-te! E, quando tiveres trabalhado, estudado, quando te tiveres armado, eu, si for necessario, saberei morrer contigo!».

Eis o nobre patriotismo dos patriotas!»

Não devemos, porém, amesquinhar tão nobre termo, confundindo-o com esse localismo deprimente e dispersivo, que Roosevelt denominou «maligno espirito de parochia, estreito patriotismo de campanario, provincial, ou estadual, que subordina a nacionalidade ao baírrismo e retrata, em nosso tempo, o federalismo incoherente da antiguidade grega, das Republicas medievais da Italia, e dos retrogados Estados da Allemanha, antes de Bismarck».

A solidariedade nacional exige que não olvidemos a nossa terra; que não deixemos concentrada toda a vida nacional nos litoraes agitados, abandonando, numa inconsciencia de prodigios sem tutela, os esplendores do céu, e os encantos das paisagens, e os deslumbramentos reconditos das minas, e as energias virtuaes do solo, e as transfigurações phantasticas da flora, entregues á contemplação, ao estudo, ao enthusiasmo e á gloria de alguns homens de outros climas, a ponto de, — como disse Euclydes da Cunha, — ainda hoje procurarmos noticias do Brasil nas velhas paginas de Saint-Hilaire.

E' lastimavel esse alheamento de nossa terra, que nos faz crear a extravagancia de um exilio subjectivo, que della nos afasta, enquanto vagueamos, como somnambulos, pelo seu seio desconhecido.

Dos sertões, — accrescenta Euclydes, — pouco sabemos, além de sua etymologia rebarbativa — desertus. Falta á nossa arte e ás nossas iniciativas a seiva materna, sendo as mesmas incolores, inexpressivas, incaracteristicas, tolhicas e inviaveis.

As nossas mesmas descrições naturaes recordam artisticos decalques, nada havendo, nas mesmas, do arremessado impressionante dos itambés a prumo, do aspero rebrilhante dos cérros de quartzito, do desordenado estonteador das mattas, do diluvio tranquillo e largamente esparso dos enormes rios, ou do mysterioso e quasi biblico das chapadas amplas... E' que a nossa historia natural ainda balbucia em seis ou sete linguas estrangeiras, e a nossa geographia physica é um livro inédito.

No conhecido livro, — O ideal americano, — reputado como um compendio de virilidade social e de honra politica incomparavel, Roosevelt, o grande professor de energia, o rispido evangelista da vida intensa e proveitosa, malsinando o patriotismo de campanario, considera ainda peor o cosmopolitismo, essa especie de regimen colonial do espirito, que transforma o filho do paiz num emigrado virtual, vivendo esteril, no ambiente ficticio de uma civilização de emprestimo. Parecem escriptas para nós aquellas paginas severas, ríçadas de repentinose vivos golpes de ironia, porque entre nós, afirma um de seus commentadores — entre nós, é que se faz mistér repetir longamente e

monotonamente mesmo, que «mais vale ser um original do que uma cópia, embora esta valha mais do que aquelle»,—e que ser brasileiro de primeira mão, simplesmente brasileiro, mau grado a molestia do título, «vale cinquenta vezes mais do que ser a cópia de segunda classe, ou servil oleographia, de um francez, ou de um inglez.»

Entre nós, fala-se, a cada passo, no perigo americano e no perigo allemão. Temores vãos!, — exclama um grande patriota. — O perigo real e unico está dentro das nossas fronteiras: é o perigo brasileiro, revelado no afrouxamento dos laços da solidariedade nacional; nesse peccaminoso amor da novidade, que se demasia no olvido das nossas tradições; nesse entibiamiento da fiscalização moral de uma opinião publica que se desorganiza, dia a dia, e cada dia se torna mais inapta a conter e corrigir aos que a affrontam, que a escandalizam, e que triumpham; nessa situação economica inexplicavelmente abatida e tombada sobre as maiores e mais fecundas riquezas naturaes; e, por toda a parte, os desfalecimentos das antigas virtudes do trabalho e da perseverança, que já foram, e ainda o serão, as melhores garantias do nosso destino.

No livro, ha pouco citado, de Theodoro Roosevelt,—este incomparavel propagandista das virtudes heroicas attribue as garantias de successo de sua terra, menos aos prodigios de actividade e ao assombro de uma riqueza material sem par, do que ás bellissimas tradições de honra e efficiencia, traduzidas, na ordem politica, pelos nomes que se inscrevem entre os de Washington e de Lincoln, e, na ordem social, pelo repontar ininterrupto dessas emoções generosas que propelle os verdadeiros estadistas e sem as quaes as nações se transmudam «em trambochos obstructivos de alguns tratos de superficie terrestre». Não lhe bastam as virtudes da economia e do trabalho; superpõe-lhes a glorificação permanente da honra nacional, da coragem e da audacia, do altruismo, da lealdade e das grandes tradições provindas das façanhas passadas, formando capacidade crescente para as empresas maiores do futuro.

Nessa ordem de idéas, elle cae de rijo sobre o politico tortuoso e solérte, que, malignado pelo obliquo incuravel da visão moral, faz da politica um meio de existencia e supprime com a espezteza criminosa a superioridade do pensar; o doutrinador esteril, que não transforma a vida numa força activa e combatente; o indifferente que resmoneia aggressivo contra a corrupção politica, e não intervém, num protesto vigoroso e alto, definido por actos decisivos; o jornalista que não exercita uma critica intrepida dos homens e dos partidos, ou se desfaz em lisonjarias indecorosas... e, sobre todos elles, os que formam a platêa louvamin heira, não

só para lhes explorar as acções como para lh'as divinizar e applaudir, garantindo-lhes, no mesmo lance, a impunidade dos crimes e a recompensa dos males perpetrados...

Disse, ainda ha pouco, com a justeza de sempre, o nosso eloquente orador official, que o dia de hoje é o Dia Santo dos mineiros. Ora, os dias de festa são-no, tambem, de confissão e penitencia, e como não ha confissão perfeita sem satisfação de obra e proposito firme de emenda, aproveitemos o ensejo que a data nos proporciona, para, reconhecendo os erros passados e penitenciando-nos dos mesmos, corrigirmo-nos delles, invocando, como exemplo a seguirmos, a figura luminosa de Tiradentes, tornada sagrada pelo martyrio, de Tiradentes, que foi modelo inirangivel de virtudes excelsas: patriotismo, abnegação, coragem de pensamento, absoluta sinceridade, gosto da iniciativa e da responsabilidade, e, acima de tudo, amor da verdade.

Meus senhores. O octogenario Ramalho Ortigão, a quem, segundo um de seus biographos, o trabalho quotidiano de escriptor tinha mantido na penna uma seiva eterna de mocidade, uma espuma de fresca alegria, e que, trabalhando constantemente, dir-se-lhe-ia que, no fundo de seu tinteiro, que jámais deixou enxugar, se conservava sempre um resto da primitiva tinta ridente com que, em moço, elle começou a escrever, Ramalho Ortigão nos conta, em uma de suas melhores paginas, o seguinte:

«Os aldeões da Dalarnia, entre as montanhas norueguesas, ao partirem cada madrugada para os trabalhos dos campos, fecham, ainda hoje, as portas de suas casas, unicamente com um laço de corda, e deixam posta a mesa, com um pão e uma escudella de leite, para o estrangeiro que passa. O povos civilizados procedem como os doces e rudes lavradores do Dai: fecham as suas fronteiras apenas com um fio, e têm sempre posta a mesa para o hospede, com o pão da liberdade e com o leite da philosophia».

Sempre que releio esta pagina de encanto tão suggestivo, na qual se vê como a civilização moderna, pelo seu principio de solidariedade humana, tornou a dar á hospitalidade o antigo sentido sagrado dos tempos biblicos,—sempre que a releio (e nunca, depois de sua morte, o faço, sem que a vista se me turve da mais commovida admiração), acóde-me logo, á mente, esta carinhosa Minas,—terra do nosso amor e do nosso orgulho,—na qual é permanente e ininterrupto occulto da fraternidade.

E' em nome desse culto, e sob a inspiração dos sentimentos que elle desperta, que tenho a honra de convidar-vos a fazerdes commigo uma rapida evocação de algumas das principaes figuras do passado da terra mineira, cujo povo, simples e magnanimo, participa da natureza das montanhas onde nasceu, as quaes, de

baixo de seu exterior, ás vezes, rude, occultam velos preciosos do mais puro ouro.

Tal evocação será inspirada por esse livro extraordinário de Julio Dantas, *A Patria Portuguesa*,—obra louvada em portaria do governo da Republica irmã e approvada para premios escolares.

Encontra-se, no epilogo de tal livro, uma synthese magnifica, evocação assombrosa das grandes figuras que perpassam, palpitantes e vivas e actualizadas, nas paginas vibrantes e ardentes do mesmo.

Toda vez que a folheio, lembra-me o passado desta nossa heroica Minas, e, guardadas as proporções, transportando para aqui o scenario magestoso que Julio Dantas nos pinta, com colorido tão vivo,—eu sinto, também, como elle sentiu, a respeito de Portugal, que—a almade Minas, como uma vibração luminosa, palpita, estremece em cada folha, em cada aza, em cada pedra, no gesto religioso dos velhos troncos patriarchaes, no tinido longinquo dos chocinhos dos rebanhos, no soluço das aguas, no uivo formidavel da tempestade,—e aza, e pedra, e tronco, e folha, e agua, e tempestade, tudo resplandece, grita, rêza, esplende, murmura:

Minas! Minas!...

E' a alma fremente do passado que atravessa, como um clarão, a terra heroica e adormecida. E' a alma da raça que refloresce, que revive, que renasce, que arrasta consigo, na torrente de suas energias novas, tudo quanto, no passado, foi gloria, sonho, belleza, pensamento,—tudo quanto foi cor ou sem, luz ou rythmo, sorriso ou lagrima,—tudo quanto, um momento conteve em si, no tumulto das multidões, na vertigem dos tempos, um arranco, um lampejo, uma scintillação da Patria!

E as velhas imagens, e as sombras distantes, e as antigas figuras, como um galope coruscante, como um tropel vertiginoso, devoram a terra negra, passam cavalgando nuvens, no ouro tranquillo do poente e cobertas pela poeira dos tumulos, esfarrapadas pela neve do tempo, heroicas, renascidas, arquejantes, acordam de seu somno de espectros, povoam as montanhas escalvadas...

Agora, são os *bandeirantes*, os primeiros povoadores do nosso territorio, os quaes embalados pelos sonhos de riquezas fabulosas, no silencio das noites passadas no seio das florestas virgens, ou no mourejar dos dias calidos, cheios de fadiga e de emoção, sem testemunhas dos seus labores e sacrificios, lutando com os indios, com as feras, com as intemperies, com as hostilidades de uma natureza selvagem e bravia, que occultava avaramente os seus thesouros, em jornadas ponteadas de dores e de agonias, em meio de desenganos pungentes, desbravaram os nossos sertões inhospitos,

que ficaram balizados pelas ossadas de muito desses atrevidos aventureiros.

Logo, é a figura toriurada de Felipe dos Santos, o patriota-martyr, amarrado, em Villa Rica, a 16 de julho de 1720, ás caudas de quatro cavallos bravos, moniados por piões, arrancando cada um por seu lado e, assim barbaramente morto e esquartejado, por haver passado por sua alma, num relampago, num clarão, numa aureola, a alma rebelde, a alma ardente, a alma genorosa de todo um povo oprimido.

—São os *garimpeiros*, os incorrigíveis devassadores das demarcações interditas que no ultimo quartel do seculo 18.^o, na extensa zona do districto diamantino, davam o unico traço varonil que ennobrece aquella quadra, e, unicos elementos fixos numa sociedade movel, de emigrantes, iam capitalizando as energias despendidas naquelles assaltos ferocissimos contra a Terra. Desviavam os rios; invertiam-lhe as nascentes, ou torciam-n'os, cercando-os; e, por vezes, alevantavam-n'os, inteiros, sobre os mesmos leitos. Todo o Jequitinhonha, adrede contido e alteado por uma barragem, desviou, certa vez, por um bicaete colossal, de grossas pranchas presas de gastalhos, deixando em secco, poucos metros abaixo, o cascalho sobre o qual fluia ha millenios... E alli embaixo, centenas de titans tranquilos, compassando as modinhas dolentes com o soar dos almocafres e alavancas, labutavam, cantando descuidados, tendo por cima o diluvio canalizado...

Assim foram crescendo. De sorte que—continua Euclydes da Cunha—quando a metropole, exaggerando a antiga avidez ante a fama dos nossos descobertos, se demasiou em rigores e prepotencias para tornar effectivo o monopolio da extracção, isolando aquella zona de todo o resto do mundo, e armou exercitos contra os *garimpeiros*,—estes, alcandorados nos *Itambés* a prumo, desafiavam os rijos capitães-generaes, endurados nas refregas da India, e, relampeando no subito fulgir das descargas, das tocalas; derivando em escaramuças pelas talhadas dos montes; arrebatando ás bocas das velhas minas em abandono, de repente escancaradas numa explosão de tiros—os «desaforados escaladores da terra», os anonymos conquistadores de uma patria, zombavam, triumphalmente daquelles apparatus guerreiros, espectaculosos e inoffensivos.

São, ainda, no fim desse mesmo seculo 18.^o, os *Conjurados mineiros*, de cujo seio generoso e magnanimo se destaca a figura esculptural de *Tiradentes*, que, desmaterializando-se, com o tempo, já se vae transformando, para nós, em symbolo de civismo, de nobreza d'alma, de patriotismo sem macula.

A essa mesma época pertencem dois perfis femininos, a lançarem sobre a escuridão da tragedia em que redundou a *Inconfi-*

dencia, a doce luz suavíssima do amor e da dedicação da mulher: é a primeira *Marília*, cujo vulto esbelto e donairoso, mostrando-se de longe, das conhecidas janellas da casa, que ainda existe, em Villa Rica, aos olhos apaixonados do ouvidor-poeta, na brancura offuscante das madrugadas nevoentas, ou ao esplendor sanguineo dos occasos de fogo, obrigou o sentimental *Dírcio* a trocar a toga solenne de juiz pela tunica de panno grosso de poeta da Arcadia, e a espalhar por aquellas collinas ouropretanas, amadasdas musas, eglogas de rimas doloridas, de anseio e de amor, com que architectava, no sonho, um futuro que não veio.

E' a segunda a figura empolgante de Barbara Hellodora, a quem a tradição attribue intelligencia pouco commum, grande inspiração, raro cultivo e belleza não vulgar.

Erguendo-se, magestosa e varonil, do fundo escuro de uma época de oppressões, de covardias, de delações, de desfalecimentos lamentáveis,—merece bem a heroica senhora a designação que lhe deu João Lucio, o escriptor patricio,—de «Cornelia Mineira», a qual, depois de haver entregue as ultimas joias aos prepostos da justiça real, tomou, pela mão, os filhos, unicos supérstites de uma vida opulenta e feliz, e abandonou, com dignidade estoica, o lar, cahindo, de um salto brusco, na noite, sem aurora, da loucura.

Ainda nos tempos coloniaes, é Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, novo Praxitelles, architecto e esculptor, no qual, a natureza, por um capricho doloroso, accendeu a scintilla do genio em um corpo de monstro.

—Nos primórdios do seculo 19.º, Bernardo Pereira de Vasconcellos, genio essencialmente organizador e previdente, o verdadeiro mestre do parlamentarismo do Brasil, no reinado de Pedro 1.º e no periodo da Regencia; Evaristo Ferreira da Veiga, parlamentar e jornalista, redactor da inesquecível *Aurora Fluminense*, ao qual se devem a unidade da patria e a salvação do principio da liberdade da imprensa; Bernardo Jacintho da Veiga, fundador do mais antigo instituto de ensino superior do Estado, a Escola de Pharmacia de Ouro Preto, que completou, a 4 do corrente, 88 annos de existencia proveitosa; Theophilo Ottoni, *amicus populi, libertastisque sacerdos*.

No dominio das letras, é o bardo dos *Cantos da Solidão*, o fecundo romancista do *Garimpeiro* e do *Ermão do Muquem*, Bernardo Guimarães, uma das mais nitidas encarnações do espirito nacional, e cuja figura ha de avultar ainda na historia do pensamento brasileiro.

Apesar de emmudecida a sua lyra e de quebrada a sua penna,—a sua voz não morrerá de todo, porque, durante a vida, elle serviu nobremente a Arte, e está, pela palavra de um de seus mais

elevados cultores, disse a cada um de seus eleitos, com firmeza e com certeza: «Tu não morrerás inteiramente. Teu pensamento, manifestação melhor e mais completa de tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; teu riso de um momento reviverá nos risos que fôr despertando, e tuas lagrimas não seccarão, porque farão correr outras lagrimas»!

—No clero, são o primeiro bispo de Diamantina, D. João Antonio dos Santos, que encarnou, em Minas, o typo bemfazejo do bispo Bemvindo, de Victor Hugo, e o conego Joaquim José de Sant'Anna, vigario de Ouro Preto, cujas bodas de ouro com a Igreja, que eu tive a fortuna de assistir, em 1887, foram uma festa que se notabilizou pela distribuição, apedido delle, de centenas de cartas de alforria a escravos, então existentes, havendo sido orador dessa commovente cerimonia aquelle que, ha poucos dias, illuminou esta tribuna com seu verbo scintillante, o Conde de Afonso Celso, então em plena florescencia de uma juventude ridente e triumphante.

—Na jurisprudencia, são os dois projectos codificadores do direito patrio, Lafayette Rodrigues Pereira e Joaquim Felício dos Santos.

—Na engenharia, Christiano Ottoni, o perfurador do grande tunel da Estrada de Ferro Central do Brasil.

—Na medicina, basta citar Joaquim Vieira de Andrade, o medico dos pobres do norte de Minas, e Cicero Ferreira, o fundador da nossa Faculdade de Medicina, frequentada, hoje, por mais de 400 alumnos.

—Na milicia, o general Carneiro, o heróe do cerco da Lapa, onde tombou gloriosamente, defendendo a legalidade.

—Na esphera politica, são:

Afonso Penna, a quem devemos nossa modelar Faculdade de Direito, um dos florões de nosso ensino superior;

Chrispim Jacques Bias Fortes, o fundador do Gymnasio Mineiro e do Archivo Publico Mineiro;

Antonio Olyntho... (perdoae, senhores, este desabafo de meus sentimentos fraternaes!), Antonio Olyntho dos Santos Pires, professor, jornalista, politico, que teve a honra de assignar os primeiros actos de Minas republicana, como seu governador interino, e que, como as aves daquelle floresta encantada, do celebre poeta polaco, quando sentiu que ia morrer, deixou os esplendores do Rio de Janeiro e veio pedir á carinhosa e amada patria mineira os sete palmos de terra do descanso final;

João Pinheiro da Silva, a figura oracular, a vontade tranquilla e forte, alma formada de um plasma luminoso, character feito de crystal purissimo, exemplo militante, que sabia ensinar a seus governados o caminho seguro da grandeza, porque sabia que todas as

crises economicas se resolvem pelo trabalho pertinaz do governo e do povo, e que todos os defeitos moraes se corrigem pela acção educadora dos estadistas.

Nesta ephemera perigrinação pelo incerto areal da vida, pôde apagar-se rapidamente o rasto dos que bem serviram a seus semelhantes pela vontade e pela razão; mas o rasto de seu espirito e o rasto de sua alma, esses não se apagarão nunca no céu ideal do pensamento e da bondade.

Por isto, do tumulo de João Pinheiro ha de irradiar luz perenne que clareará o horizonte da Republica, nas horas mais annuviadas, isto é, o esplendor de uma vida que foi, até ao ultimo alento, animada e alimentada pela fé no trabalho e pela perseverança na virtude;

Raul Soares, o morto de hontem, que, em hora aziaga, encarnou, aqui, em Minas, o espirito da legalidade, e, como aquelle soldado que, no campo de batalha de Alba, foi encontrado morto, conservando, nos dedos crispados, estrangulado, um corvo que tentara bical-o, ainda moribundo,—elle, tambem, já nos ultimos dias de vida, teve ainda forças para ajudar a estrangular a anarchia que ameaçava devorar-nos.

—E', senhores, — para fechar esta galeria, que se prolongaria demasiado, si nella quizessemos enquadrar todos os vultos mineiros de que poderemos orgulhar-nos,—é, finalmente, um outro morto de hontem, sobre cujo tumulo poderão já ter murchado as flores que o perfumaram, mas ainda não seccaram as lagrimas que o orvalharam; é Affonso Arinos, o escriptor fundamente nacional, cuja literatura, no livro e no jornal, foi comparada a uma larga ponte batida de sol, lançada entre o passado e o presente, e onde, ao lado de muita saudade, ha muita esperança,—cuja literatura, repito, foi sempre um claro espelho onde se reflectiam o seu tradicionalismo e o seu nacionalismo.

Conta-nos Bilac que um poeta, amigo das arvores, como todos os poetas, disse, um dia, que, quando encostava o ouvido ao grosso cortex de um tronco da matia, ouvia, lá dentro, as lões harmoniosas da seiva, na sua circulação criadora e triumphal. Assim, tambem, quando se folheia o volume em que Arinos celebra a vida sertaneja, ouve-se circular por elle, em hymnos ardentes, a prophécia de uma grandeza futura para a terra, que todos nós tanto amamos.

Como é formosa aquella pagina do *Pelo Sertão*, em que Arinos glorifica um velho burity, «veneravel eponimo dos campos», mais edoce do que a nossa raça, perdido no meio de uma planicie verde! E' assim que elle lhe fala, com ternura e veneração:

«Si, algum dia, a civilização ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te-

serve de sócco, velho Burity perdido. Então, como os hoplitas athenienses, captivos em Syracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito á vida, com a poesia selvagem e dolorosa que sabes tão bem communicar. Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extintas, uma pagina sempre aberta, de um poema que não foi escripto, mas que referva na mente de cada um dos filhos desta terra!»

Senhores. Toda esta ronda de mortos que acabei de perpassar, por um momento, diante de vossa imaginação, toda essa multidão, como a que foi evocada no livro citado, de Julio Dantas, ruge, alastra, lateja, como um só coração, bramindo, cantando, chorando o nome de Minas. São milhares de braços escuros que se levantam, erguidos pelo mesmo sonho, convulsos do mesmo amor, crispados pelo mesmo odio,—toda a maré negra, sagrada, ululante, virginal, do povo, cortando como uma rajada, como um turbilhão, como uma tempestade, o extase dourado do poente. A mesma vibração, o mesmo grito de Patria sae das entranhas da terra, levanta em cachões as espumas de nossas cachoeiras, soluça como o vento das florestas, humedece de lagrimas os olhos das proprias fêras. Em cada pedra de muralha, em cada crista de fraguado, em cada lage de tumulo, ha uma voz que brada, ha um coração que sangra, ha uma memoria que ruge. E desses gritos de Patria, desses farrapos de grandeza, dessas memorias de seculos, dessa poeira para sempre morta,—quanta bravura, quanta energia, quanta fé reflorirá, eternamente viva!

No retorno universal dos tempos e das almas, os mortos resurgirão dentro de nós; a alma da raça, purificada e liberta, renascera, estuará em torrentes de poder e de força,—e Minas, em vez de supplicar uma cruz para morrer, gritará por umas asas para voar!

Tenho concluido.»

Repetidas e entusiasticas palmas coroaram as ultimas palavras do conferencista, que foi abraçado e felicitado pelas pessoas do governo, pelos consocios do Instituto e por muitos outros cavalheiros.

Encerrando a sessão, o sr. presidente Antonio Carlos disse, entre applausos, que se congratulava com o Instituto, pela esplendida conferencia que se acabava de ouvir, toda ella repassada de grande eloquencia e do mais puro sentimento patriótico, e agradeceu o comparecimento das pessoas presentes.

A's 15 horas e meia, findava a sessão solenne, que foi das mais brilhantes e significativas comemorações que a data de hontem já teve em nosso meio.

—Durante a solemnidade, tocaram, no saguão da Camara e no recinto da sessão, as duas bandas de musica de Força Publica.

(Do *Minas Geraes*, de 22 de abril de 1927).

Realizou se, ante hontem, 22 do corrente, na Faculdade Libre de Direito, desta Capital, uma sessão ordinaria do *Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes*, á qual estiveram presentes os seguintes socios: professor Aurelio Pires, dr. Gustavo Penna, dr. Mario de Lima, Joaquim Nabuco Linhares, desembargador Francisco Cleto Toscano Barreto, dr. Mario Augusto Teixeira de Freitas, dr. Caio Nelson de Senna, dr. Juscelino Barbosa, professor Honorio Guimarães, dr. Rodolpho Jacob, professor Luiz Pessanha, capitão dr. Herculanio Teixeira d'Assumpção, dr. Orozimbo Nonato da Silva e coronel Socrates Alvim.

Aberta a sessão e aprovada a acta da sessão anterior, o professor Aurelio Pires, presidente do Instituto, proferiu as seguintes palavras:

«Meus illustres consocios:

Depois da memoravel sessão do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, de 26 de fevereiro ultimo, em que, sob os auspícios do actual sr. Presidente do Estado, foi, definitivamente, reorganizado o mesmo Instituto, — é esta a primeira vez que nos reunimos, em sessão ordinaria, só o tendo feito, até então, em tres sessões solennes.

Prevalecendo-me, pois, da circumstancia actual, venho cumprir o dever, imposto pela minha consciencia, de apresentar-vos agradecimentos mui sinceros, por haverdes homologado, generosamente, a lembrança de meu pobre nome para o honroso cargo de presidente desta aggremação. em sua nova phase.

Attribuo o vosso procedimento magnanimo, para commigo, ao desejo, de vossa parte, de premiar os esforços de um velho professor que, tendo tido sempre a alma e o coração voltados para o lado espiritual da vida, não consentiu jámais que, em seus labios, esmorecesse a palavra da fé.

Cumprido este dever de consciencia, — peço-vos permissão para convidar-vos a cumprirmos, juntos, um outro dever de coração: o de lançarmos um olhar de enternecida saudade á memoria veneranda e querida daquelles que, hoje desaparecidos de nosso convívio, dirigiram os destinos deste Instituto, com mão segura, orientação firme e abnegação patriótica. São elles: João Pinheiro da Silva, desembargador João Bráulio Moinhos de Vilhena, desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni e senador Virgilio Martins de Mello Franco. Este preito de saudade

deve estender-se, igualmente, a todos os demais companheiros arrebatados pela morte, durante os vinte annos transcorridos, de 1907 a 1927. Si é certo, — como disse um dos pensadores mais profundos de nossa raça, que «a morte não extingue, transforma; não aniquilla, renova; não divorcia, aproxima»; si é certo que, quando supponmos mortos e separados de nós aquelles a quem amávamos, é, então, que elles estão mais presentes, no intimo de nós mesmos, no fundo de nosso ser, na face de nossas acções; si é assim, todos esses mortos amados continuarão a viver em nossa lembrança e a animar-nos com os estímulos de sua vida operosa e bem vivida.

Aos que, ainda vivos, para o nosso bem, e que prestaram ao nosso sodalicio os serviços abnegados de seu patriotismo, como presidentes do Instituto, aos srs. desembargador Arnaldo de Oliveira e dr. Rodolpho Jacob, — a expressão de nosso profundo reconhecimento, pelo que fizeram para a efficiencia dos fins collocados pelo mesmo.

Nesta nova phase em que acaba de entrar o nosso Instituto Historico, para iniciar a qual me foi designado o alto posto, a cuja eminencia, vossa generosidade me collocou, — conto com a collaboração imprescindivel de todos e de cada um de vós, — para gloria deste cennulo e proveito moral para o nosso Estado».

Em seguida, o mesmo sr. deu conhecimento á Casa de que o sr. professor dr. Francisco Mendes Pimentel, director da nossa Faculdade Livre de Direito, havia cedido generosamente uma das salas dessa Faculdade para a sede provisoria do Instituto Historico, ficando resolvido que se enviasse ao referido professor a expressão do reconhecimento do mesmo Instituto.

Passando-se á apresentação de moções, indicações e projectos, o professor Honorio Guimarães, obtendo a palavra, fundamentou a triplíce indicação seguinte:

a) Que se lançasse na acta da sessão do dia um voto de pesar pelo fallecimento do esforçado educador e operoso socio do Instituto, professor José Polycarpo;

b) que se enviasse ao sr. Presidente do Estado a expressão do reconhecimento do Instituto, pela acção que s. exc. tem desenvolvido, no sentido de incrementar a efficiencia do mesmo;

c) que, ao organizar-se a Historia de Minas, segundo um dos fins do mesmo Instituto, se solicitasse, para tal, a collaboração das Camaras Municipaes, das directorias de grupos escolares, dos inspectores technicos e de todos os professores primarios do Estado, no sentido de enviar, cada um delles, «o historico e a descripção geographica» das localidades onde exercitam a sua acção.

As duas primeiras indicações foram unanimemente aprovadas. Quanto á terceira, ficou adiada a respectiva discussão até que seu auctor apresente, por escripto, o plano por elle suggerido verbalmente.

O sr. Gustavo Penna leu a seguinte indicação, que é unanimemente approvada:

«Ha seguramente dezeseis annos, confiou-me o commendador Carlos Pinto de Figueiredo, já fallecido, e que residia no Rio de Janeiro, a incumbencia de receber e entregar á Prefeitura de Bello Horizonte dois magníficos bustos dos marquezes de Paraná e de Barbacena, que elle offercia á nossa Capital.

Esses dois magníficos trabalhos de escultura, talvez por serem de bronze, ficaram guardados e esquecidos no armazem do almoxarifado, entre picaretas, enxadas e arame farpado. Alguns annos depois, sendo secretario do Interior o dr. Affonso Penna Junior, eu chamei sua attenção para esse facto, lembrando-lhe que o busto do marquez de Paraná ficaria bem collocado á entrada da respectiva Secretaria. E assim se fez.

O busto do marquez de Barbacena, do grande Felisberto Caldeira Brant Pontes, ainda lá está no almoxarifado, não coberto pela nobre patina do tempo, e sim pela irritante poeira, natural naquelle deposito de materiaes! E como o dia 13 de junho proximo é anniversario da sua morte, indico que a mesa do Instituto Historico solicite do sr. Prefeito a collocação, na praça da Liberdade, de uma herma, destinada a receber o busto do homem que foi um dos mais notaveis filhos de nossa terra, e cuja existencia merecia ser mais conhecida e, por isso, mais admirada».

Assignada pelos socios M. A. Teixeira de Freitas, Juscelino Barbosa, J. N. Linhares, Gustavo Penna, Herculano Teixeira d'Assumpção, Orozimbo Nonato da Silva e Luiz Pessanha, é lida pelo primeiro dos signatarios e approvada pela Casa a seguinte indicação:

«Os socios do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, abaixo assignados:

Considerando que não podemos ainda contar com a iniciativa particular para a conveniente vulgarização, em edições apropriadas, do já bantante rico patrimonio intellectual do povo mineiro;

considerando tambem que podem contribuir poderosa e decisivamente para o progresso do Estado, em todos os sentidos, uma vez postos ao alcance do publico em geral, os thesouros literarios, artisticos, historicos, geographicos e scientificos que os nossos inexplorados archivos e a não menos desconhecida e inacessivel bibliographia de escriptores mineiros ou relativa a coizas e pessoas de Minas Geraes escondem avaramente ás pesquizas dos estudiosos;

e considerando, finalmente, o largo espirito liberal e progressista, o vehemente entusiasmo e a vontade forte com que o eminente Andrada actualmente á testa do governo de Minas vem procurando conhecer e satisfazer as necessidades e as aspirações da communhão mineira na ordem intellectual e moral;

Têm a honra de propôr que o Instituto patrocine, junto ao governo do Estado, o alvitre de dar-se continuidade á publicação official da Collectanea literaria, historica, geographica e scientifica, cuja organização se iniciou, com os melhores fructos, sob os auspícios da Comissão Mineira do Centenario, confiada á reconhecida capacidade dos illustres consocios drs. Rodolpho Jacob e Mario de Lima.

Os signatarios ainda suggerem, com a devida venia, que, estando presente á sessão o sr. dr. Rodolpho Jacob, auctor do magnifico programma traçado inicialmente aos alludidos trabalhos de vulgarização, se digne nol-o lembrar esse prezado confrade, afim de que o Instituto possa deliberar com melhor conhecimento de causa sobre o objecto desta indicação.

Bello Horizonte, 22 de maio de maio de 1927».

O sr. dr. Rodolpho Jacob, nominalmente chamado á tribuna, usando da palavra, expôz largamente o plano a que obedeceu a organização da Collectanea, constante da indicação transcripta, e demonstrou a importancia da mesma e a necessidade de se concluir esse trabalho, já iniciado, achando-se parte delle já publicada e outra parte já organizada e entregue á Secretaria do Interior.

O sr. Presidente, informando á Casa que a comissão nomeada pelo sr. Presidente do Estado para organizar o plano de conferencias mensaes, a serem realizadas pelo Instituto, se acha desfalcada, por estar um membro da mesma enfermo e dois outros occupados no desempenho de funcções que os prendem alhures; e ponderando que ha urgencia de ultimar-se, quanto antes, a elaboração desse plano, para que se iniciem as conferencias, designou, para substitutos dos membros impedidos, os socios dr. Lucio José dos Santos, dr. M. A. Teixeira de Freitas e dr. capitão Herculano Teixeira d'Assumpção, e marcou o dia 26 do corrente, ás 14 horas, para uma reunião, em sua residencia, da referida comissão.

Estando a hora adeantada, levantou-se a sessão.
(Do Minas Geraes, de 24 de maio ue 1927).

Desde sua fundação, em 1907, até hoje, tem o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes funcionado em diversos edificio publicos e particulares, cedidos, generosamente, pelas respectivas directorias, taes como Camara dos Deputados, Senado Mineiro, Conselho Deliberativo, Faculdade Livre de Direito.

E' pensamento do actual sr. Presidente do Estado, seu benemerito reorganizador, dotal-o, dentro em pouco, de sede condigna e propria, que o liberte do vexame permanente de estar obtendo, por emprestimo, sedes provisórias, e que o colloque em condições de poder realizar sua elevada finalidade historica.

Da Direcção